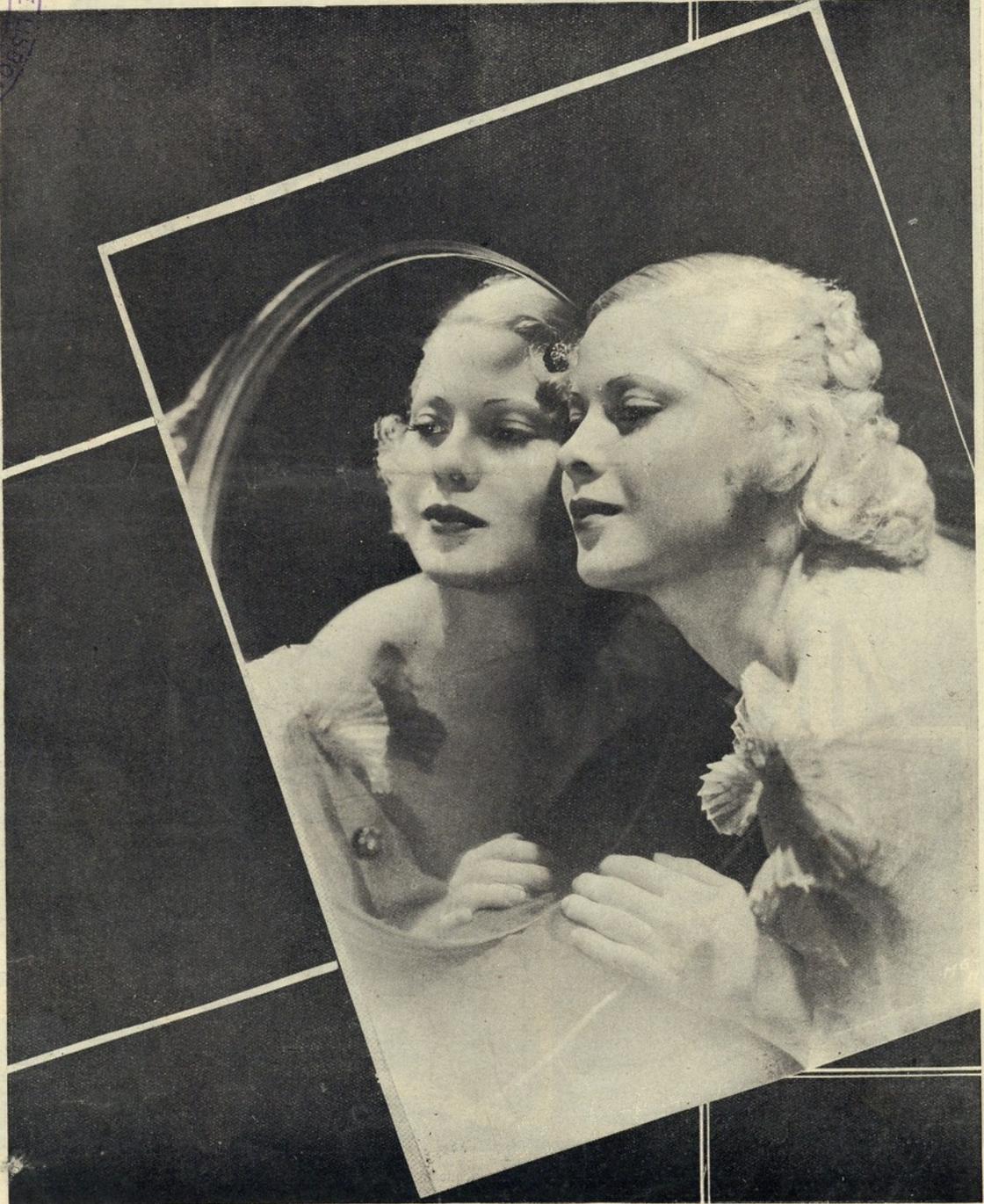
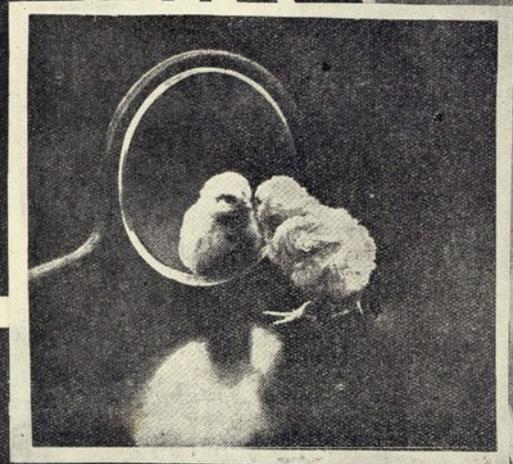
ANO I N.º 22
Numero avulso 5$oo

LOURENÇO MARQUES
1 de Março de 1934

O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipografica
Director — SOBRAL DE CAMPOS
Sede — Praça 7 de Março

MARY CARLISLE

TRES BONS AMIGOS: um miúdo amador de animais entre um pequeno «ponney», o mais pequeno exemplar da raça cavalar, e um imponente «S. Bernardo», o maior especime da raça canina.
CUBIÇA...: Como esta gatinha gostaria de saborear os peixinhos que ali se encontram!...
Um pintaínho encantado por se ver ao espelho...

HÁ nomes que marcam e nos recordam uma época, uma fase social, um período ou um momento histórico. Há figuras cuja estatura e cuja sombra alastram sôbre as páginas do Livro Humano e nunca mais esquecem ou se apagam dessas páginas onde «vivem», profundamente vincadas e recortadas, como em brônzeos altos-relêvos.

O Morto de que, hoje, nos ocupamos, é uma dessas figuras. O Rei Alberto, da Bélgica, o Rei-Soldado, não morrerá... Se morrer é desaparecer, caír no esquecimento, poderemos, na verdade, afirmar que o Rei-Soldado — que tam tràgicamente encontrou, há dias, no gêlo, a sua morte física — não morrerá, porque na memória dos homens não se obliterará a grandeza simples — simples como a de tôdas as grandes figuras — das atitudes que êle esculpiu em horas angustiosas e incertas para todo o mundo e especialmente para a Europa.

■ ■

Está na lembrança de todos...

«...Em Berlim, o Conselho de Guerra vota pela guerra contra a França e a Rússia, e, a 30 de Julho de 1914, envia um «ultimatum» à Rússia, intimando-a a desmobilizar na fronteira austríaca. Em tôda a Alemanha, é proclamada a mobilização geral.

«A França faz avançar tropas sôbre a sua fronteira oriental; a 31 de Julho, o embaixador alemão em Paris solicita da França a neutralidade desta, garantida pela entrega das praças de Toul e de Verdun.

«A Rússia responde à intimação alemã ordenando a mobilização geral e a Alemanha declara-lhe a guerra a 1 de Agosto; na tarde dêsse mesmo dia, a França também ordena a mobilização para o dia imediato, e, a 2 de Agosto, patrulhas alemãs penetram no território francês. No dia seguinte, o embaixador alemão em Paris entrega ao govêrno francês a declaração de guerra, baseada na entrada de aviões franceses na Alemanha e na Bélgica.

«Em 2 de Agosto, o govêrno alemão intima a Bélgica a dar passagem às suas tropas, e, como esta recuse, os alemãis penetram em território belga, a 4 de Agosto — a despeito do tratado de Londres de 1839, que garantia a neutralidade da Bélgica. A Inglaterra, que era uma das signatárias dêsse tratado, intervem enviando um «ultimatum» à Alemanha — 4 de Agosto — exigindo o respeito pelo tratado. O chanceler Berthoman-Halweg responde que não compreende que, por causa de um farrapo de papel — «chiffon de papier» — se trave guerra entre a Inglaterra e a Alemanha e recusa aceder à imposição. E, nessa tarde, a Inglaterra declara-lhe a guerra.»

■ ■

E a guerra começou, com rara violência, pavorosa e destruidora...

A Alemanha dispôs, logo desde o começo, de 50 corpos de exército, fortemente apoiados por importantes fôrças de 2.ª linha: eram perto de dois milhões de homens, esplendidamente armados e preparados. O seu plano de invasão consistia em esmagar ràpidamente o inimigo de Oeste, para poder voltar-se prontamente contra a Rússia. Por isso, avançou, em grandes, compactas massas, verdadeiras moles humanas e de metais, para «cilindrar» tudo quanto se fôsse deparando na sua frente, no seu... «passeio» até Paris... Mas surgiu-lhes, inesperadamente, a mobilização imediata dos 120.000 belgas, comandados pelo valoroso Rei Alberto, que lhe opustram, numa luta heróica e desesperada, uma tenaz resistência, servindo de barreira, demorando-lhes o avanço, tomando-lhes o passo...

■ ■

A Bélgica! A Bélgica martirizada, que sofreu o embate mais violento, a arremetida mais brutal! Campos talados, povoações destruidas, saqueadas, incendiadas! Crueldades bárbaras dos homens, regressados a épocas primitivas de selvagismo feroz, requintadas ainda por todos os progressos, por todos os inventos da arte da guerra, preparados, sàbia e sinistramente, em tempo de paz!

A Bélgica mártir!

Na nossa frente passam, inesquecíveis, êsses sucessivos quadros pintados a duas côres — o vermelho e o negro, o vermelho do sangue e dos incêndios, o negro do luto e das almas torvas — mortos, feridos, combatentes, espingardas, bandeiras... E o sofrimento horrível das populações civís, que foram, também, vítimas da guerra e que, em tam elevado número, na heróica Bélgica invadida, pagaram, com as suas vidas, o enorme tributo da sua fidelidade e da sua lealdade... As represálias cruentas, os vexames, os êxodos de povoações inteiras, sob o troar apavorante do canhão... Horas dolorosas e glorificantes, essas, as que viveu a Bélgica sacrificada! Horas que soam ainda no coração e no espírito de todos e que vão ecoando, como de quebrada em quebrada, através do Mundo, através do Tempo, através da História...

Foi colossal e inédito o esfôrço realizado pelo exército belga, sob o comando do seu heróico Rei-Soldado, numa esmagadora desproporção de fôrças e de preparação, em presença de tam terrível adversário! Mas foi só devido a essas sacrificadas hostes e populações que se tornou possível a retirada das suas posições, a reorganização e o refôrço dos exércitos franceses e a vitoriosa contra-ofensiva do Marne.

Se isto se não desse, teria sido muito diverso o destino da Europa...

Estátua eqüestre do Rei-Soldado, devida ao escultor Edw. Deckens e inaugurada, com grande solenidade, em Anvers, no dia 21 de Abril de 1930. Êste monumento foi erigido em memória dos soldados e civis vitimas da Grande Guerra

■ ■

...Há figuras cuja estatura e cuja sombra se projectam e alastram pelas páginas do grande Livro Humano, que nunca mais esquecem e nunca mais se apagam... Imperecíveis, desafiam o Tempo — como bronzes... Uma delas — é o Rei Alberto, da Bélgica.

Morreu — dizem. Morreu, desastradamente, no gêlo... Na alvura imaculada das geladas neves se derramou, ao tombar, o seu vermelho sangue, rubro como as florações magníficas de certas plantas, rubro como o sol quando tomba numa hecatombe de luz... Não sabemos se alguém reparou no que o sangue do Rei-Soldado escreveu e desenhou no álgido e níveo lençol que lhe serviu de primeira mortalha... Mas deve ter desenhado um mapa. E sôbre êsse mapa deve ter escrito uma palavra, que é um poema heróico e um hino sublime de raras virtudes — Bélgica!

S. C.

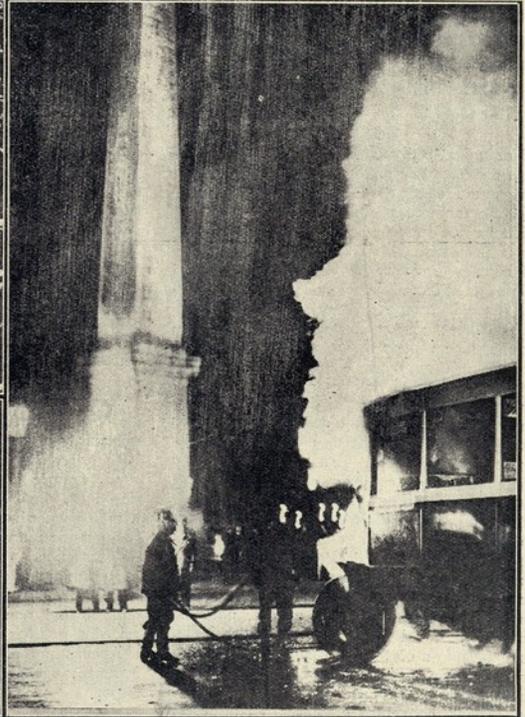
O terramoto da India

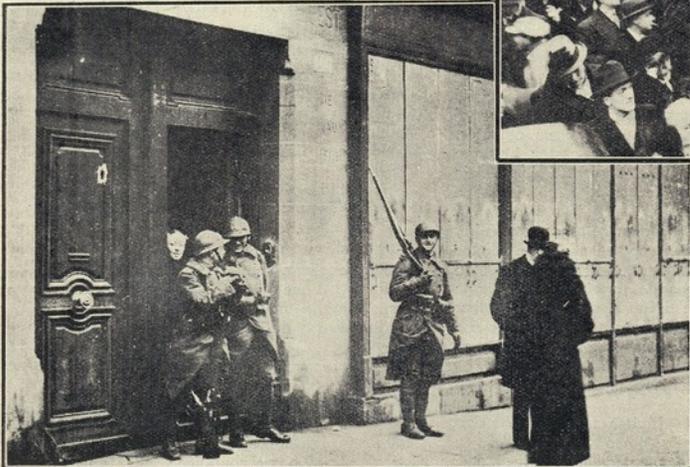
Está na memória de todos a dolorosa impressão causada pela terrível catástrofe sísmica que assolou, em Janeiro, todo o Norte da Índia.

Êste devastador tremor de terra — o maior que a Índia experimentou nêste século — destruiu ou fez em ruinas 4.000 casas e causou a morte a 8.000 pessoas, deixando muitos milhares de outras mergulhadas no luto e na mais absoluta miséria.

Nesta página apresentamos quatro aspectos desoladores da catástrofe.

Em cima, o edifício do engenheiro-chefe electricista, na rua da Vitória, em Jamulpur. Ao centro, o mercado Purani, na cidade de Muzafarpur, e as ruinas do templo Saojee's, da mesma cidade. Em baixo, a residência do dr. S. M. Mozandar, depois do terramoto. A esposa do dr. Mozandar encontrou a morte quando fugia. O pilar que a esmagou pode ver-se, em destroços, no primeiro plano.

Os acontecimentos de Paris

— A greve geral de um dia, decretada, para tôda a França, pela Confederação Geral do Trabalho: uma multidão de grevistas em Vincennes, subúrbios de Paris, no dia 12 de Fevereiro.

— Bombeiros ocupados com um «omnibus» que foi incendiado na ocasião dos tumultos.

— Numa das batalhas travadas nas ruas de Paris: um ferido ajudado pelos seus camaradas.

— Uma multidão de manifestantes que saüdou o actual presidente do Ministério francês, sr. Doumergue, na ocasião da sua chegada a Paris, em 8 de Fevereiro.

— Tropas francesas protegendo a entrada dos operários da Companhia dos Caminhos de Ferro, onde o serviço se manteve durante a greve.

A GRANDE ILUSÃO

ISSE Pascal que todos os males do mundo vêm de os homens não saberem ficar quietos no seu quarto. Não é absolutamente exacto. Pode sair-se do quarto, a passeio, para a praia, para o campo, para a varanda de Julieta, sem que, daí, venha mal ao mundo. Os males vêm todos da caça ao dinheiro, quer seja feita pelos indivíduos, quer o seja pelo Estado.

Mas valerá o dinheiro tôdas as inquietações, lutas e crimes que provoca? Não o cremos.

Para um estoico ou um anacoreta da Tebaida, o dinheiro não é nada; para um conquistador de povos, seja-o pela guerra ou seja-o pela finança, o dinheiro é tudo.

Diógenes e Santo Antão desprezaram-no; Felipe da Macedónia e Napoleão, Pierpont Morgan e Deterling tiraram dêle a sua fôrça. Felipe dizia: «Não há cidade inexpugnável, quando lá se pode fazer entrar uma mula carregada de ouro». E Napoleão, embora não levasse atrás de si mulas carregadas de ouro para conquistar as capitais da Europa, levava sempre na bagagem os balancés e litografias com que falsificava a moeda e estampava notas dos países invadidos. Era mais cómodo e económico do que conduzir pela arreata mulas ajoujadas de dobrões.

De resto, os generais de Napoleão não desprezavam as azêmulas com sacos de ouro. Junot, quando retirou de Portugal, levou uma récua de vinte e tantos machos carregados de ouro e prata, moedas, pedrarias, jóias, candelabros e baixelas, custódias, cálices, patenas, paramentos e colgaduras de seda da Índia, deslumbrando a côrte ao abrir, num dos pátios das Tulherias, os baús de couro tauxiados, abarrotados dos tesouros roubados nos palácios, igrejas, conventos e solares portugueses.

Mas o pobre general, «cocu» como quási todos os generais da grande epopeia e como o seu imperial amo, pouco havia de gozar essas riquezas tam àvidamente arrepanhadas.

A epopeia e a fortuna harmonizam-se bem com o «cocuage»; notaram-no já Plauto e Gil Vicente. A vitória coroa muitas vezes a fronte dos herois com corôas de louro nos campos de batalha e com corôas de queratina no lar doméstico. Parece até ser êste o preço da glória. Pode-se ser, como Napoleão, invencível nas pugnas de Marte e um eterno vencido nas pugnas do amor.

Três anos antes de morrer, Victor Hugo dizia, um dia, ao jantar, diante de Paulo Meurice, Daudet e outros, que todos os grandes homens, sem excepção, eram «cocus». E rematava, com um sôco na mesa: «Foi-o Napoleão, fui-o eu».

Com Junot, o destino foi avarento. Cobrou-lhe o preço da glória e da fortuna, mas não lha deixou saborear muito tempo.

Pouco depois de chegar a França, a paralisia geral atirou-o para uma casa de saúde, onde morreu aos 42 anos. Ficou célebre o fim da sua vida mundana.

Junot dava, uma noite, um baile, a que assistiam os marechais do Império e tôda a nobreza napoleónica; às dez chega Napoleão e o dono da casa não aparecera ainda. De repente, ouvem-se passos pesados, um tilintar de esporas e uma voz forte a gritar «Vive l'Empéreur!», e ao fundo do salão, entre os umbrais afestoados da porta, iluminado em cheio pela luz dourada das mil velas dos candelabros, aparece Junot, em todo o seu esplendor — de botas altas, chapeu armado, colar da Legião de Honra e todo nu. Tinha enlouquecido.

Internaram-no; meteram-no num «cabanon», pequeno calaboiço escuro, todo de pedra, onde se prendiam, de pés e mãos, os doidos furiosos, com correntes chumbadas às paredes, e lá se enforcou, num acesso de fúria, em 1813.

A mulher, a linda e ardente Laura de Abrantes, tam inteligente como leviana, depressa se consolou da viuvez. Pouco depois, porém, caiu o Império e a Restauração levou-lhe a fortuna, reduzindo-a à pobreza.

Balzac, que foi amante dela, descobriu-lhe o talento literário e pô-la no caminho das letras, a que a ex-duquesa teve de recorrer, para viver, escrevendo romances e as suas memórias.

Mas isso é outra história; deixemos a linda e amorosa Laura e continuemos.

Treze anos mais tarde, em 1826, D. João VI encontrou lá em cima el-rei Junot, sentado à sombra dos mirtos, numa alameda retirada e triste dos Campos Elísios. Cumprimentou-o e Junot sorriu, reconhecendo-o pelo beiço pendente. Falaram de Portugal. O duque de Abrantes animou-se e teve um ai de saüdade. As fidalgas portuguesas tinham sido, com êle, tam dôces e generosas!

— E aquelas arcas de couro que você levou com tudo quanto eu deixei no reino... — disse, por fim, D. João.

— Bons tempos êsses!... — suspirou o general.

Então D. João tirou um pedaço de giz da algibeira de trás da casaca, onde costumava guardar os frangos assados, os pedaços de bofe cru para as almorreimas e a boceta do rapé, sempre meio aberta, e, ao despedir-se de Junot, dando-lhe palmadas no ombro com a mão esquerda e exclamando: «Seu maroto! seu grande maroto!», escreveu-lhe nas costas — «Larápio».

Resumia numa palavra o juizo da história.

Que tirou, pois, o duque de Abrantes, soldado brutal que esteve quási a ser coroado rei, dos milhões roubados?

Apenas um par de botas altas para correr à morte a cavalo na loucura — e aquele necrológio.

* * *

E que tirou Victor Hugo, o doutrinário da grandeza do «cocuage», dos milhões que ganhou com a pena? Nada, ou pouco mais — o prazer da sovinice.

Passou mais de sessenta anos a semear ritmos aos quatro ventos e a colher popularidade e dinheiro — para ser infinitamente desgraçado. Pertenceu a todos os partidos, chefiou escolas literárias, teve a glória, teve depósitos nos bancos — e não teve nunca sossêgo interior. Foi bonapartista em rapaz; fez-se, depois, republicano, e o pai, velho general do Império, pô-lo fora de casa; dedicou odes a Luiz XVIII, que lhe deu uma pensão de mil francos do seu bolso particular; a seguir, como Carlos X ficasse indiferente ao seu namôro político, fez-se novamente republicano e depois flirteou com o rei Luiz Felipe, que se deixou namorar mas não o nomeou ministro, como o poeta pretendia. Em 1848 é anarquista, sonha com a ditadura dos pobres e propõe-se a ditador; e, em 1871, está quási a aderir à Comuna, mas retem-se por prudência. Zigzagueia assim entre as opiniões, como um lobo a farejar um rasto: busca o rasto do milhão e da popularidade. Glória trocada em moedas de cobre, como alguém a definiu.

Paul Meurice, que era tratado como filho, ao entrar, uma vez, no quarto onde Victor Hugo estava a escrever, de pé e espalhando em volta as folhas de papel cobertas duma letra violenta e vertiginosa, calcou uma folha. O poeta, que parecia não ter dado pela sua chegada, absorvido no trabalho, volta-se bruscamente para êle e diz-lhe:

— Tem mais cuidado! Não sabes que são duzentos francos?

E eram. Aquele Júpiter tonante do verso negociava as rimas como um Mercúrio e estampava estrofes como quem estampa notas de banco, realizando êste prodígio de que nunca poeta português foi capaz: traduzir o dicionário de rimas num livro de cheques — com boa cobertura.

Um dia, propôs ao editor um romance, que seria pago à linha. O editor aceitou e publicou «Os Miseráveis», em fascículos, obra prolixa e declamatória, sublime e grotesca, povoada de anjos e santos, como Cosette e o bispo Muriel, e de monstros como os Tavernier, que era, ao mesmo tempo, romance social e romance histórico, romance sentimental e romance realista, catequese cristã e panfleto político, e, sobretudo, dissertação enfática sôbre os mais variados temas. Para demonstrar a tese de Rousseau de que o homem nasce bom e a sociedade é que o corrompe e a tese romântica da redenção pelo amor — redenção de João Valjean pela caridade do bispo e redenção de Fantine pelo amor à filha — o poeta ressuscita Waterloo e a revolução de 1830, brada ao universo, com vibração imortal, a palavra sonora de Cambrone, caça ladrões de mortos nos campos de batalha e quadrilhas de bandidos na cidade, com a gíria dos quais enche páginas inteiras, calcula a despesa diária com as salvas dos navios de guerra, percorre a rêde tentacular dos canos de esgôto de Paris e ensina-nos qual é o adubo que mantem fértil a terra da China, a-pesar-de cultivada há tantos milhares de anos... Não é um romance, é uma enciclopedia de retórica.

Quando terminou a publicação, Victor Hugo tinha feito uma fortuna e o editor tinha feito uma falência.

Em Setembro de 1870, depois da rendição de Sedan, o poeta regressou a Paris, vindo do exílio em Guernesey.

Veio o inverno, e com êle o cêrco da capital. Os parisienses cotizavam-se para comprar armamento e munições. O operário dava um dia de salário, o burguês umas dezenas de francos, o banqueiro uns milhares. O papá Hugo oferecia à cidade — poemas heróicos. Milionário de rimas, assinava uma ode como um capitalista assina um cheque. O capitalista saca sôbre o banco; o poeta sacava sôbre o livreiro, o livreiro sacava sôbre os leitores. Fundiu-se assim o canhão «Victor Hugo», menos estrondoso e pouco mais danoso para o inimigo do que os versos do poeta.

A nação fazia a guerra com o seu sangue, com o seu dinheiro, com os seus filhos; o Júpiter do verbo metralhava os prussianos de Moltke e de Bismarck com os seus alexandrinos.

E, contudo, êste prodigioso génio verbal era profundamente humano, cheio de ternura, e foi um enorme, um raro poeta lírico, isto é, um sensível e um amoroso.

Como explicar, então, o seu cabotinismo trovejante? É que dois demónios se apoderaram da sua alma, a mulher e o dinheiro. Um para lha despedaçar e o outro para lha reconstituir.

O poeta casou aos vinte e um anos, por amor. Êle e a mulher, somadas as idades de ambos, tinham menos de quarenta anos, como o Mário e a Cosette dos «Miseráveis». Era, então, um homem simples, confiante e sincero, de abandonos espontâneos, entregando-se sem reserva às idéas e à paixão, que, fazendo-se expulsar da casa do pai, dera a sua tranqüilidade por uma idéa, a liberdade, e, agora, enamorado da creoula Adélia Foucher, logo a pedia em casamento, dando a liberdade por um sentimento, o amor.

Tinha ingenuidades não direi de Dafnis mas de Galaaz: aos vinte e um anos escrevia à noiva com um lirismo épico digno de Loengrin ou Parsifal, que êle queria levar intacta para o casamento a sua virgindade, pois o himeneu devia ser a fusão de duas auroras sem sombra, de duas estrêlas de fogo novo, de dois esplendores divinos, e outros vários clarões cósmicos. Ora êsse homem, humano e natural, morreu aos trinta anos: matou-o no poeta a mulher, a sua querida Adélia, quando o traíu com o amigo íntimo, o hediondo Saint-Beuve.

Tinham já nascido os quatro filhos. O poeta sofreu, reprimiu a dôr e calou-se. O amigo infame foi o próprio a contar-lhe a traição, numa cena miserável de falso arrependimento. O poeta era forte e valente, podia esmagar o miserável. Expulsou-o apenas, cortou relações com a mulher e transformou-se.

Como homem, fez-se hipócrita e avarento, como artista fez-se flamejante e cabotino.

A sonoridade, as imagens de chama e o pensamento de fumo, vago e obscuro; as idéas elementares transpostas numa orquestração meteórica, as antíteses ribombantes tornam-se a expressão moral do poeta. São-lhe atordoamento e derivativo à dôr; são a facilidade e dão o aplauso.

O homem interior emmudecera—por lhe ser doloroso falar. Mas havia êle de gritar a sua dôr de Sgnarelo?

«Gémir, pleurer, prier est égalemet lâche», proclamava Vigny, seu contemporâneo.

O homem embalou, pois, o seu desespêro silencioso com as tempestades verbais do poeta; não tinha, assim, de se contemplar, isto é, de reviver e sofrer. Olhava o mundo exterior, a natureza e a história, punha em movimento o automatismo prodigioso das imagens e dos ritmos, e colhia a glória e o esquecimento.

Escrevia de setenta a cem grandes folhas de papel por dia, vertiginosamente, sem a menor reflexão. Era a galopada do espírito fugindo à dôr, que, sob diversas formas, o assaltou tantas vezes pela vida fora.

Esta evasão é o gesto, mais que humano, fisiológico, de todo o ser que sofre.

A alma dorida, para fugir de si mesma, acolhe-se a tudo — à religião, à arte, à morte, ao crime e até à loucura.

Olhar-se interiormente, mergulhar até as raizes da própria consciência, como Uriel da Costa, Pascal, Amiel ou Antero, é sobrehumano; exige uma alma serena e dá vertigens como o debruçar-se sôbre um abismo. Uriel e Antero mataram-se desta contemplação.

Quando Victor Hugo mergulha na sua alma, olha a dôr de frente e se faz, incidentalmente, o poeta da vida interior, então todo o artifício desaparece; a sua voz atinge as maiores alturas do lirismo e da expressão das dôres humanas e os seus versos são dos mais doridos gritos a que o verbo se tem elevado. É o que se dá nas «Contemplations».

Dilacerado pela morte da filha, o poeta roja-se ululante no pó, geme, soluça, reconhece a fragilidade de tudo, vê o drama do homem isolado no meio dum universo impassível, e quando, emfim, o seu sofrimento se exprime, a retórica desaparece e os seus versos são puras cristalizações de dôr libertas de tôda a ganga verbal. Durante dois anos não pôde escrever, desvairado. No silêncio e na meditação a dôr depura-lhe a alma, e ao retomar a pena o poeta realiza a máxima de Goethe: faz da tua dôr um poema.

Disse Daudet que Victor Hugo só é grande quando sofre. Não é só Hugo, são-no quási todos os artistas. A arte é triste. Mas não o é só a arte cristã. É triste a própria arte grega, tam serena e que exprime, como nenhuma outra, o sorriso da vida e só raras vezes a paixão.

É que a arte é a mais intensa expressão da oposição do homem ao universo, do seu esfôrço de superação, da luta do espírito contra as limitações da matéria. Pelas religiões, o homem interpreta o universo, submete-lhe os seus sonhos e subordina-se-lhe; pela arte, ergue-se em face dêle, recompõe-no e realiza os seus sonhos, opondo à natureza a criação do seu espírito.

É a revelação do criador contra o incriado; ao passo que as religiões são aceitação passiva e a ciência apenas indagação curiosa.

Os mais profundos movimentos da alma humana, sejam traduzidos em puro som, em verbo, em pedra ou em côr, é a dôr que os comanda e as obras mais belas dos homens, desde a tragédia grega e o Partenon às catedrais góticas e o teatro de Shakespeare, e de Dante e Miguel Ângelo a Beethoven e Baudelaire, não são mais que gritos de angústia perdidos na solidão do universo. Como se a dôr, que é a espiritualização da vida, fôsse a sua suprema floração. Assim, a dôr não é só a mais sensível de tôdas as coisas criadas, como disse Wilde; é, também, a maior, senão a única, criadora de beleza.

* * *

Victor Hugo é grande quando sofre e se abandona por completo à dôr, isto é, quando é sincero. Foi-o nas «Contemplations», onde os seus queixumes são como o clamor dum deus vibrando de sofrimento humano; foi-o nos «Châtiments», trovejando de cólera contra o opressor da França; e foi-o em «L'Art d'être grand-père», arroio de ternura onde o poeta apazigua a alma dolorida, fazendo reviver nos netos os filhos perdidos.

Mas, em geral, a sua atitude não é de êxtase e concentração interior, mas sim de expansão irradiante; dir-se-ia que a sua alma está por fora e vive para fora: é, habitualmente, insincero.

O seu poder verbal, ciclónico, arrebata a consciência do poeta, faz-lhe ver o mundo deformado pelo turbilhão das imagens e das logomaquias, e as cristalizações da sua imaginação substituem-se no seu espírito à realidade. É assim que o poeta não só se crê tam grande como Dante ou Shakespeare, mas ainda como uma espécie de profeta moderno, um iluminado, com a missão de marcar aos povos o seu destino.

É uma forma de quixotismo, sublime e absurda como qualquer outra e não isenta de perigos. De resto, todo o romantismo foi sublime e absurdo. O que ainda há, por vezes, de equilíbrio e medida, como, por exemplo, em Vigny, Musset e Garrett, já não é romantismo, é classicismo.

O quixotismo verbal de Victor Hugo tinha, como o do cavaleiro da triste figura, o perigo do grotesco, entre outros. Um dia o poeta, então deputado, discursava no parlamento; fazia-o, como de costume, duma maneira tam empolada e nebulosa, que ninguém o compreendia. A meio do discurso, levanta-se o ultramontano Luiz Veuillot, escritor incisivo e claro, e requere ao presidente «que seja retirada a palavra ao sr. Victor Hugo, porque não sabe falar francês!».

Esta insinceridade histriónica do poeta, que alastra na maior parte da sua obra como um líquen corrosivo da pedra, de que só o tempo a pouco e pouco vai mostrando os estragos, dominou igualmente a sua acção política e a sua vida doméstica. Assim, traído, conservou, tôda a sua vida, ao seu lado a mulher, que êle detestava, como um galeriano liberto que arrastasse a grilheta chumbada ao tornozêlo, por lhe parecer mal parti-la. Ao mesmo tempo, manteve instalada na sua vizinhança, onde quer que vivesse, a amante Julieta Drouet, actriz bonita, de talento medíocre mas de grande poder de encanto, a quem o poeta se ligou quando soube da traição da mulher. Julieta era inteligente, bondosa e cheia de finura, deixou o teatro e consagrou-se, de corpo e alma, ao poeta; foi o bálsamo das suas feridas, o óleo apaziguador das suas tempestades. Êle nunca teve, porém, a coragem de a instalar plenamente na sua vida e de refazer, com ela, o lar destruido; conservou-a sempre como que à parte; e quando no verão jornadeavam pela Suissa e Itália, acompanhava-os um amigo complacente, que passava por marido ou amante de Julieta e servia de — «chaperon» de Victor Hugo.

Esta dualidade do poeta — o que vive e o que representa, o homem interior que ama, odeia e sofre e o homem exterior que declama — nascida da sua tempestade moral e do seu conformismo, destruiu a harmonia da sua vida e da sua obra, que deixou de brotar do coração, que se retraía, para brotar a-penas do cérebro.

E o que havia de melhor no poeta era ainda o coração, a sensibilidade; a sua inteligência especulativa era pouco mais que vulgar e o seu espírito crítico nulo.

Teve uma vida dupla: representou o papel de patriarca, e o seu lar era tempestuoso; como marido austero, viveu longos anos sem falar à mulher adúltera, e era amante das professoras das filhas, das preceptoras dos netos e das próprias criadas. Cauteloso e contabilista na luxúria, anotava num caderno tôdas as despêsas com o efémero feminino, as suas visitas secretas e as gratificações adventícias; a uma cozinheira, que teve em Guernesey, espanhola rosada e fresca, agradecia-lhe deixando de cada vez um luiz de ouro no bico do jarro de água quente.

Porque não rompeu o poeta com a mulher? Porque estragou ou, pelo menos, reduziu as horas suaves que lhe dava a dôce e amorosa Julieta Drouet, não casando com ela? E forte e valente como era, porque não estrangulou o ignóbil Saint-Beuve no momento da revelação? A opinião perdoar-lho-ia, pois a sanção imperativa da época para a adúltera era: «tué-la»!

Porque não o provocou pelo menos em duelo? Os poetas do romantismo batiam-se por dá-cá-aquela-palha; o maior poeta português depois de Camões, Antero, bateu-se à pistola com Ramalho Ortigão; e o grande poeta russo Puchkine foi morto à espada, em duelo, pelo amante da mulher.

Dirá, talvez, alguém: não rompeu com a mulher por piedade e não refez o lar com a actriz por respeito aos filhos...

Não. Foi só por mêdo ao escândalo. O poeta cortou relações com a mulher; os dois viviam completamente separados, embora na mesma casa, e quando precisavam dizer alguma coisa por causa dos filhos, faziam-no por escrito, em bilhetes cerimoniosos. Só quási no fim da vida dela o poeta lhe perdoou, oferecendo-lhe um retrato seu com uma dedicatória que era ainda um «memento» e um castigo: «À minha Adélia perdoada».

(Continua na página 524)

Aquela noite...

JANEIRO, mês de famoso luar que inspirou aqueles versos do imortal Augusto Gil, nunca perde o seu poder de sedução e magia. Há tal encanto e fascinação nas suas noites de luar que o própio Crime adormece sob a dôce plangência dos sons que a Natureza esparge sôbre a Terra enternecida... É a guitarra e a voz apaixonada de D. João, amoroso e terno, rondando o amor.

....

Foi numa destas noites de magia e sedução que eu fugi do meu modesto quarto, servindo-me daquela escada de corda que há muitos anos — mas numa noite assim — se serviu também a formosa e romântica Julieta.

Cá fora andavam as almas aos pares...

Julieta, docemente apoiada ao braço de Romeu; Paulo, levando às cavaleiras o corpo gracioso e infantil de Vergínia, confundiam-se naquele turbilhão de «almas gémeas» formando a Ala dos Namorados.

A lua, triste e merencórea, oluminava, nas margens dum regato, o corpo gelado de Ofélia. Cruzavam-se nas sombras do arvoredo a silhueta trágica de Hamlet com a figura do desventurado Eurico, o presbítero. Hermengarda, ajoelhada num dos altares do claustro, entoava salmos religiosos, pedindo a Deus que defendesse o crânio do seu guerreiro da clava dos árabes. Otelo, chorava sôbre o corpo de Desdémona, arrependido da sua ferocidade e do seu ciúme. No firmamento, rebrilhava a luz das estrêlas, que são as almas candentes das vírgens que souberam morrer de amor.

....

Estou, agora, sentado, sôbre um banco, na rotunda da Polana. Estremeço sùbitamente, sentindo nas costas uma palmada amiga. Verifico ser um colega do Liceu.

— Que fazes aqui, tam só?

— Ennebrio-me com esta paisagem cheia de magia e deslumbramento.

Olha para êste mar — que placidez e quietude! Olha para êsse firmamento — que suavidade e doçura! A lua tem nas faces uma tristeza de Madona e as estrêlas brilham tanto que parecem o candelabro que tenho dentro do peito, feito da minha alma de cristal...

— Ena! Ena! Tu está doente; deves ter febre, e em elevado grau... Deixa-te de misticismos. Vês além o Hotel? Está de costas para o mar. Parece fugir à tentação de tôdas essas coisas que sensibilizam e adormentam o cérebro. Está virado para o seu «bar», onde os homens da época se entregam a libações para expandir e esquecer... É assim a vida que passa...

«Deixa-te de pieguices e vamos até aos «dancings» da Baixa, onde encontrarás sensações fortes e mais prazer.

Lá fomos percorrer os «quinos» e os «dancings» da cidade, e devemos confessar que desconheciamos êsse «novo mundo» que há pouco se instalou no coração desta cidade tam moderada e tam pacata. Nos «quinos», umas mulheres impingiam aos assistentes cartões para a tômbola a extraír. Todos estavam atentos, como se lhes estivessem a ler na mão a profecia do seu futuro... A esfera, como o imenso globo que pisamos, roda na ansiedade duma «chance» que ambicionamos. E nada... A sorte grande continuou a ser, como era dantes, uma coisa que sai aos outros...

Entrámos nos «dancings» e muito afastada tínhamos a idéa de tudo quanto até aí observámos.

Rapazes, novos e velhos, mulheres de tôdas as formas e tonalidades, emprestam àqueles salões um entusiasmo fugaz e uma alegria doentia e passageira. Em jorros, a luz, caindo sôbre os corpos semi-nús das «girls» que rodopiam a «taxi», produz no olhar extasiado dos homens a perplexidade.

As «girls» são as «papillons» dos clubes nocturnos, pagas para exercer a sua especial missão na vida dos «dancings».

Ouve-se, agora, cantar o 29. Um felizardo acertou com «chumbo grosso» o pleno e as «chances» daquele número. Um monte de fichas, de todos os tamanhos e variadas côres, é posto na sua frente. Tôda a assistência admira e inveja a sorte do contemplado. A roda gira e das suas mãos vai desaparecendo aquele montão de fichas, sem que o próprio e os mais dêem conta disso... Virou a sorte — beijo que a fortuna dá naqueles que, tantas vezes, deseja perder.

Se quisessemos radiografar os íntimos arcanos de tantos que nos impressionam agora com os seus estigmas do acentuado infortúnio, que do impressionantes páginas não seríamos capazes de escrever. Mas haja piedade, não só para aqueles a quem, com as nossas revelações, iríamos fazer sofrer, pondo-os em contacto com a miséria dourada daqueles salões, como para com êsses a quem julgamos verdadeiros grilhetas da ambição.

Saímos, emquanto a orquestra, enfastiadamente, tocava o «Tell me to-night», servindo de pretexto a alguns excêntricos para se rebolarem na sala.

Vinha rompendo a manhã. No horizonte bruxuleavam ainda algumas estrêlas matutinas, mas do firmamento havia já desaparecido a lua, cândida e bela, na sua majestade plácida e serena de Madona.

DANILO PEREIRA

O predominio das loiras em Quelimane

(A F. B., vítima eterna do Eterno Feminino)

FINDA a martirizante labuta diária nêste ígneo rincão zambeziano — onde dia a dia as energias mais viris se vão definhando sob o império de um clima excessivamente ardente — o único lenitivo atenuante para o nosso espírito fatigado, consiste em ler, no «Notícias», a «Hora de Chá», que F. B., chàzeiro consumado, tam hábil e proeficientemente prepara.

Você, F. B., que, todos os dias, em adjectivos hiperbólicos e de seguro efeito, costuma louvaminhar os vários atractivos inerentes ao belo sexo — de quem, estou crente, é fervoroso admirador — freqüentes vezes terá formulado em seu íntimo a eterna dualidade opinável acêrca das loiras e das morenas... E a sua consciência, bastas vezes em luta com o seu pensar, toma-se de hesitação, vacila em dúvida cruel sôbre quem deverão incidir os encomiásticos galanteios — se na candidez ingénua das morenas, se na felinidade provocante das loiras...

Assim, dêsse modo, V., panegirista apaixonado do elemento frágil, ora tece os mais rasgados elogios às fulvas discípulas de Anita Loos — especificando-lhes os múltiplices encantos — ora demonstra, com admirável clareza e precisão, a eficaz preponderância das lindas morenas, esmiuçando-lhes os infindáveis predicados de que são possuidoras!

A continuar dessa forma, V. nunca terá uma opinião concisa, formal, concreta, sôbre qual o grupo a decidir-se: «entre les deux, son cœur balance», permanecendo eternamente hesitante entre as loiras e as morenas!...

Pois bem, F. B.. Aí, em Lourenço Marques — centro cosmoplita de loiras, morenas ruivas e «loiras platinadas» — V. tem justos motivos para se conservar nessa hesitação. Existem em tam notável quantidade, super-abundantemente, que a escolha, na realidade, torna-se bem difícil...

...Todavia, se V. viesse até êste meio — tam pródigo em representantes do elemento frágil — assistiria, deveras surprêzo, a um fenómeno puramente idiosincrásico, que teria o condão de convertê-lo por completo. Adiante explicá-lo-ei. Antes, porém, desejo elucidá-lo sôbre outro assunto de não somenos importância.

Quelimane, como é notório, está bem longe de ser uma vila «up to date». Embora com pretensões, como alguns dos habitantes, o seu «modus-vivendi» enferma ainda de certos hábitos e costumes antiquados, que seus antepassados lhe legaram, tendentes a desaparecer lentamente. E, imbuida dêsses princípios retrógrados, firme na sua contumácia, esta vila deixa-se permanecer insensível às várias manifestações progressivas que nos oferece a actual época de febricitante velocidade modernista.

Mas, assim como em certas modalidades da Arte e do Progresso, Quelimane se deixa hibernar numa letargia profunda, o mesmo não se verifica com uma outra expressão sentimental da Vida, muito apreciada por ambos os sexos, que os ingleses, prosaicamente, denominam «flirt».

Aqui, como noutras vilas, essa variante do Amor encontra-se em relativo estado de desenvolvimento: Quelimane bate o «record» da Colónia em matéria amorosa, com pequena quantidade, mas boa qualidade...

Por êsse motivo, a minoria representativa do elemento frágil — todo êle hipotèticamente comprometido... — actua com preponderância, a seu bel-prazer, sôbre os escassos Tenórios da localidade. E se o novo habitante recem-chegado de Lourenço Marques, «habitué» infalível do John Orr ou Fabião, com teorias de D. Juan e nada avêsso a falazes conversas, se permitir lançar a vista para determinadas «pequenas» da terra, é muito possível que encontre ainda um albergue carinhoso que, condoído da desventura, abra com alvorôço as portas entreabertas do seu coração — eternamente inflamável por natureza!...

E por mais paradoxal e inverosímil que isso lhe pareça, em Quelimane apenas prevalece um único tipo de beleza, porquanto o belo sexo, todo êle, é constituido, exclusivamente, por raparigas loiras... — quási não se encontra uma morena!

O fenómeno — talvez primário na Colónia — pelo seu ineditismo e subseqüentes resultados, merece bem ser evidenciado em dualidade de opiniões. Assim, os velhos colonos que do Chuabo faziam sua moradia, pretendem explicar, muito ingènuamente, a influência nefasta do clima — simbolizado pelo sol ardentíssimo — na metamorfose colorida dos cabelos; doutro modo, os representantes da moderna geração — mais atreitos a fenómenos idênticos — convictos, em sólida asserção e com a subtileza malévola da juventude, proclamam, em bom som, a benéfica influência da água oxigenada na dourada coloração dos fulvos cabelos femíneos!!!

Duma forma ou doutra — o facto não importa — o certo é que Quelimane, extraordinàriamente, chamou a si o exclusivismo das raparigas loiras. E, por isso, eu lhe digo, F. B., que, se V. viesse para Quelimane, jàmais vacilaria entre as loiras e as morenas: converter-se-ia — como outros se converteram — e estou crente de que as loiras deveriam rejubilar com tam entusiástica e apaixonada aquisição...

João TOCHA

(Página dos Novos)

HITLER e o Padre Eterno...

SINGULAR figura de agitador a de Hitler, antigo operário pintor, de origem austríaca, condenado — ainda há poucos anos — a cinco de prisão, pela sua participação no golpe de Estado de Kapp (pena de que só cumpriu alguns meses), tornado, depois, no porta-bandeira de tudo o que na Alemanha se arregimentava nas extremas direitas sociais e políticas, inimigo declarado da Constituïção de Weimar, dos acordos de Locarno e do plano de Young, e hoje senhor dos destinos do seu país e permanente ameaça da paz da Europa!

Curiosa figura!

A seu lado, na obra que está empreendendo na Alemanha e que, neste momento de bom humor, não queremos criticar, têm surgido vários homens de valor. Entre êles, contam-se Hermann Goering, ministro do Ministério do Ar, e o dr. Goebbels, ministro do Interior, que são — se é possível um homem ter dois... — os seus braços direitos.

Uma "blague,, francesa

São êles, os três — Hitler ao centro, Goering ao alto e Goebbels em baixo — que figuram nesta página.

Pois bem!

Uma «blague» francesa surgiu, há pouco, pela pena espirituosa de um jornalista.

...Fôra o caso — em sucintos traços — que estas três figuras da Alemanha «nazi» precisaram de conferenciar com o Padre-Eterno. Marcada a conferência, S. Pedro recebeu-os com a maior cortezia e com o sorriso mais acolhedor e introduziu-os na sala de recepção do Padre-Eterno.

Aconteceu, porém, que — por qualquer imprevista e inexplicável circunstância — êles não chegaram ao mesmo tempo... O primeiro a chegar — talvez por ser ministro do Ar... — foi Goering. O segundo foi Goebbels. Finalmente — Hitler.

O Padre-Eterno, quando cada um dos dois primeiros chegou à sua presença, levantou-se e, apertando-lhes a mão, teve para êles palavras de grande gentileza.

Quando Hitler chegou, porém, o Padre-Eterno deixou-se ficar sentado e estendeu-lhe simplesmente a mão, sem sorriso afável, sem palavras carinhosas, olhando-o, talvez até, com uma pontinha de desconfiança...

S. Pedro, que não notara aquele olhar e que estranhara aquela incompreensível atitude, tomou-a como um deplorável esquecimento. E, não querendo que o Padre-Eterno ficasse mal colocado e fôsse alvo de críticas injustas, murmurou-lhe, intencionalmente, ao ouvido:

— Êste é o Hitler, Senhor!

— Bem sei — respondeu lacònicamente o Padre Santo.

E S. Pedro, insistindo, vexado:

— Então, Senhor, porque Vos não levantastes quando êle chegou, se o fizestes para os outros?!

E o Padre-Eterno, muito calmo:

— É que êste conheço-o eu muito bem. Se me levantasse... era capaz de me tirar o lugar...

O dia dos «Jóvens Hitlers», em Potsdam. Consagração de 342 estandartes, por ocasião do aniversário natalício do rei da Prússia e também do aniversário do assassinato do «jóvem Hitler» Herbert Narkus. O desfile dos estandartes depois da consagração

TAMBIRE

Conto Zambeziano

I

TAMBIRE era a «inhamacunda» mais gárrula e buliçosa que vivia no Prazo.

Esbelta, de conformação escultural, feições delicadas e extremidades finas, adivinhava-se nela uma ascendência não maculada pelos cruzamentos de raças nos períodos dos grandes movimentos migratórios ou das invasões do gentio do Sul.

Pela sua alacridade espontânea e comunicativa, pela sua esperteza e vivacidade, tornara-se, naturalmente, a «nhancóda» dos «nomes» e «goêros» e conquistara um grande ascendente sôbre o grupo de raparigas da sua povoação e das imediações.

Nenhuma como ela para dar a «mafála» na roda do «chicuizire», com a sua forte voz aguda, timbrada e bem modulada, improvisando motivos de alegre crítica incisiva, tanto do agrado dos indígenas; nenhuma a excedia nos vários e difíceis passos coreográficos, nenhuma a ultrapassava no desquadrilhar nervoso e furiosamente lascivo da maioria das dansas — agilidade com que justificava o seu nome de Tambire, que, no simbolismo onomástico da região, significa: saltante como uma bola de borracha.

Era natural, pois, que os requestadores a assediassem com propostas de moral duvidosa ou de casamento, não se limitando ao meio nativo o desejo de tal conquista. O «musungo manuensa», que a vira quando ela teve de ir ao Comando testemunhar um «milando», mandou o mainato propôr mancebia com ela ao pai adoptivo, oferecendo quatro libras de «chuma» e dois panos de sêda. Mas Tambire, consultada acêrca de tam lisonjeira proposta, recusara terminantemente, pois sabia que dos «casamentos» com brancos resulta a perda da vida alegre, livre e despreocupada comum ao meio indígena; seria o adeus ao seu maior prazer, àqueles batuques nocturnos que se prolongam do ocaso ao dilúculo, quando não se prolongam ainda pelo dia fora...

E, a-final, para quê? Um dia, o «musungo» vai à «Manga» e de lá volta casado, deixando a pobre rapariga cafre com um ou dois mulatitos nos braços...

Mas o mais persistente e entusiasta dos seus pretendentes era o «mònhé» Karimo. Aquele velho sátiro cubiçava-a ardorosamente, e sempre que ela ia à «feira» efectuar qualquer negócio e entrava na reles quitanda do repelente indú, êste devorava-a com os olhos aguados e brilhantes pela luxúria mal contida e fazia-lhe as mais tentadoras ofertas em troca da posse do seu corpo. Oferecia-lhe o que ela mais estimasse do recheio da lojeca, cumulava-a de presentes, recordava a elevada «chuma» de seis libras com que tantas vezes tentara a cubiça do pai adoptivo da rapariga.

Mas ela recusava sempre. Não porque Tambire fôsse pucela invulnerável e incorruptível, pois a vida nocturna dos «goêros» comum aos dois sexos, com os inevitáveis contactos nas trevas, e ao acaso, entre corpos de adolescentes em que começam a despertar os instintos genésicos, não podia deixar aos pretendentes quaisquer aspirações ou ilusões sôbre as primícias daquela carne fresca e apetitosa. Recusava Karimo porque lhe causava asco aquela rotundidade balofa, aquela boca de raros dentes ennegrecidos pelo betel, a barba grisalha sempre suja e emmaranhada, a calva encodeada, aquele pigarrear e cuspinhar constantes. E, demais, ninguém por ali ignorava que, no trato com as suas raparigas, o mònhé Karimo procedia indignamente; as duas que nos últimos tempos tinham vivido com êle, Roronge e Chinanáze, haviam-lhe fugido porque êle, mal tinha passado um mês sôbre o dia do casamento, começara a facilitá-las aos viajantes que tinham de pernoitar na «feira», quando lhes sentia nas algibeiras algumas «quinhentas» susceptíveis de ficarem na loja. Entretinha êsses fregueses até que as raparigas adormecessem no seu «goêro», e, depois, dizia-lhes que podiam ir ali dormir...

Tambire preferia casar com um negro como ela, são e vigoroso, e com os mesmos hábitos e costumes; não a assustando a rudeza dos trabalhos dos campos, preferia ser escrava da gleba casada com um preto, a viver na despreocupada ociosidade de que gozam as «sinháras» e «nhanhes» em mancebia com «musungos» e mònhés.

II

Uma vaga tristeza perturbava, às vezes, a alegria de Tambire. Era quando, nas horas de quietação, o seu espírito invocava os trágicos acontecimentos que, na puerícia, a separaram da verdadeira família.

. .Teria, então, quatro para cinco anos.

Em certa madrugada foi despertada do seu sono para seguir o pai e a mãi que abandonavam aquela palhota em que viviam lá em longínquas terras. As restantes famílias da povoação também os acompanhavam naquelas marchas forçadas com rumo desconhecido, e pelos caminhos a multidão ia aumentando com novas famílias que se lhe iam juntando.

Todos os homens iam armados, levando cada um a sua «ndipa», a «uta» com as respectivas «muvi» e o indispensável «dêmu», e alguns, como seu pai, um «nfuti» de carregar pela boca. Todos êles ululavam hinos sinistros de destruïção e de morte, estranhos, até então, à ouvida da pequena Tambire. De tôdas as direcções se ouvia o batucar furioso e ressoante dos «biruíre» chamando os homens à guerra; aqui e ali ardia uma povoação e muitas das prometedoras messes estavam taladas ou eram pasto das chamas. De quando em quando, deparava-se um corpo humano estendido no caminho, nú, horrorosa e afrontosamente mutilado, quási sempre decapitado, vendo-se a cabeça, como macabro estandarte, espetada num pau perto do cadáver. De algumas pernadas de árvores seculares pendiam corpos de enforcados, e, aproveitando o solo umbroso, sob essas mesmas árvores o «nganga» cafreal exercia o seu mistér, aplicando mèsinhas e ungüentos sôbre feridas hiantes que alguns guerreiros gemebundos confiavam à ciência dos seus médicos.

Era a guerra gentílica com todo o seu cortejo de horrorosas barbaridades, descaroável, sem quartel, guerra de feras enfurecidas, de raivosa destruïção; era a revolta que em princípios de 1917 levantou quási todos os povos da alta e média Zambézia, por nós conhecida por revolta do Baruè e entre os cafres por «condo ia Macombe».

Dias depois, a multidão revoltada foi pernoitar na clareira de uma floresta, onde, encurralados dentro de uma «aringa» de madeira, já se encontravam milhares de guerreiros com as suas famílias.

Sol-posto, e um dos guerreiros — que Tambire soube, mais tarde, ser o próprio Macombe — subiu a uma termiteira e, dali, arengou prolongadamente aos seus guerreiros, que o escutavam com um religioso silêncio, punível de morte se fôsse perturbado. Incitava à morte, à chacina, ao incêndio, à rapina e destruïção; aconselhava mil suplícios atrozes para infligir aos inimigos; encorajava os seus guerreiros dizendo-lhes que as armas dos brancos e dos seus apaniguados indígenas, que êle classificava de amoucos traidores à raça, eram inofensivas porque as balas se transformariam em água mal saíssem dos canos; que alguns feridos, que se encontravam dentro da aringa, como a querer desmenti-lo, haviam sido atingidos porque o «mfite» dêles se apossara ou porque meditavam a traição ou a deserção; de resto, que nada temessem porque, em caso de necessi-

dade, mandaria vir os reforços oferecidos pelo «rê ia magermano», e com êles chegariam também algumas «musinga» de grande potência.

Êste discurso foi frenèticamente aplaudido pela multidão de guerreiros, seguindo-se-lhe uma lauta refeição em que se sacrificaram dezenas de bois, produto das pilhagens em terras marginais do Zambeze.

Finda a ceia, a massa dos guerreiros começou a escoar-se silenciosamente pelas duas saídas, ficando a-penas no acampamento os velhos e inválidos, com as mulheres e crianças. O pai de Tambire fôra dos primeiros a saír, e devia ter um posto elevado naquele exército de selvagens, não só porque compartilhava das refeições do próprio Macombe, como, também, por dar imperiosamente ordens à massa anónima dos guerreiros, sem que nenhum dêles fizesse a menor observação.

....

A meio do dia imediato começaram a afluir à aringa numerosos feridos e mortos, que outros guerreiros conduziam a dorso ou em improvisadas macas. A medida que iam deixando os mortos ou feridos, os guerreiros válidos procuravam e reüniam as suas famílias, e apressadamente partiam em diversas direcções, evitando os caminhos existentes; depois, começaram a aparecer centenas de guerreiros em fuga desordenada, que, reünida a família, lá continuavam na debandada. Por fim, quási noite, quando no acampamento a-penas restavam algumas dezenas de mulheres e crianças e os homens feridos que não podiam caminhar, apareceu, também, o pai de Tambire, que pegou nela ao colo e, seguido pela mulher, abandonou a «aringa», internando-se na densa floresta, a corta-mato.

Sofrera grande derrota o «invencível» exército de Macombe!

Caminharam tôda a noite e, ao dealbar da manhã, encontravam-se à beira de um «mucurro», onde se dessedentaram. A tranqüilidade e silêncio que os envolvia convidava-os a repousar de tam afadigosas caminhadas e das inenarráveis emoções dos últimos dias de contínuos sobressaltos. Assim foi resolvido pelo pai, que, lobrigando uma cerrada balça, nela penetrou com a família.

E como estavam bem escondidos, tranqüilos e vencidos pela fadiga, caíram num sono profundo...

III

Tambire acordara, em sobressalto, ao sentir-se brutalmente arrastada por um pé. Fora da acolhedora moita, estava seu pai, com as mãos amarradas atrás das costas e sangrando a jorros por uma enorme ferida que tinha no ombro direito. Perto encontrava-se sua mãi, estendida no chão e desnudada, continuamente assaltada por uma malta impudente que nela saciava um longa e forçada abstinência; os que aguardavam a sua vez dirigiam chufas à vítima e aos camaradas, ou discutiam acaloradamente acêrca da sua posição naquela escala infame.

Mas que sucedera?

Uma «ensáca» de Angónis enviada à «gaziva» e em perseguição dos derrotados da véspera descobrira o esconderijo da família, que o ressonar de qualquer dos três havia denunciado...

Emquanto a mãi de Tambire sofria o brutal suplício que lhe estava sendo infligido, os chefes da «ensáca» angoni submetiam o pai a um minucioso interrogatório, sem conseguirem obter a menor resposta. Nem os maus tratos contínuos, nem as ameaças dos mais horrendos suplícios, nem o quebrar dos dentes e o vasamento de um ôlho, lhe arrancam uma única palavra. É que conhecia bem a guerra em que se metera, onde não podia existir quartel ou perdão. Finalmente, um dos angónis, vendo a inutilidade do interrogatório, deu-lhe uma forte pancada no crânio, com a sua «ndonga», lançando-o por terra quási desfalecido; um outro sentou-se-lhe, então, sôbre o tórax, e, com requintada lentidão, começou a decapitá-lo...

Em volta da mãi de Tambire continuava, acesa, a discussão, e mais se agravou com a chegada dos guerreiros que tinham estado às voltas com o pai. Mas eram muitos, talvez uns quarenta! Foi quando, então, algum dêles se lembrou da fatal decisão:

— Mas, temos também ali a criança!

E logo o selvagem se dirigiu à pequena e, levantando-a por um braço, lhe arrancou os míseros trapos com um único puxão. E o repelente crime ia-se consumar, quando...

— Oh seus malandros!

No alto do barranco, surgira um branco com alguns regulares indígenas e uma «ensáca» da Magagade, sob o comando do «cazembe» M'Sona, um dos mais bravos «cazembes» do capitão Chatala.

O branco viu ràpidamente a cena canibalesca que se estava passando e a que se preparava, e com energia enxotou a malta angoni.

Inquiriu acêrca de quem capturara a mãi de Tambire e, obedecendo à lei consuetudinária da guerra gentílica, entregou-lhe a prêsa, que lhe ficava pertencendo até ao resgate, com a condição de a tomar como exclusivamente sua, o que, aliás, o captor desejava, porque bem se fartara de protestar contra a violação dos direitos da guerra que os outros angónis tinham praticado. Mas, por um capricho do novo senhor da mãi da rapariga, êste recusou terminantemente aceitar também a filha, o mesmo sucedendo com os outros angónis.

Foi então que o «cazembe» M'Sona se acercou da garota e, tomando-a pela mão, disse singelamente:

— Está bem, fica sendo minha filha!

Os angónis retiraram, levando a mãi, que Tambire não tornaria a ver, e esta, quando seguiu pela mão do «cazembe», deitou um último olhar para o barranco sinistro onde o decapitado corpo do pai ficaria para repasto das hienas, e a cabeça, tradicionalmente espetada num pau, para quodore dos milhafres e chamariz do mosquedo faminto...

IV

Rolaram os anos...

M'Sona, pai adoptivo de Tambire, regressara da Vila alquebrado pelos anos, atormentado pelo «chòchôlo» e desgostoso com o desfecho já previsto que tinha tido o «milando» que ali o levara, chamado pelo «cipai de pau», de que o seu genro Capece fôra portador. Contou o que se passara no Comando, não omitindo uma frase, não olvidando um pormenor, repetindo todos os gestos e atitudes que presenceara no Tribunal indígena.

Capece era casado com a Mazeamanga, filha do M'Sona. Há cinco anos que cohabitavam e, até então, nunca houvera filhos. Provou-se no «milando» que a maninhez provinha da Mazeamanga. E assim era. O Capece tinha dois filhos da primeira mulher, de quem enviuvara antes de casar com Mazeamanga; ao terceiro ano de casamento com esta, começou a suspeitar da sua esterilidade, e casou com uma outra rapariga que, passado um ano, lhe dera uma filha; mais dois anos decorreram e a maninhez da Maziamanga ficou sobejamente provada perante o espírito dos indígenas.

Nessas condições, como era de direito, foi decretado o divórcio, com a obrigação da «chuma» ser integralmente restituída.

Onde iria o M'Sona arranjar, em três meses — que tanto fôra o prazo concedido — as quatro libras e meia, valor da «chuma»

Poderia vender a reserva de mantimento que tinha na tulha, os três cabritos e o porquito que guardava na «tanga», mas tal resolução conduziria à miséria e mal produziria duas escassas libras.

E, pensando no angustioso problema, adormeceram todos alta madrugada.

Tambire foi quem primeiro acordou. Estava triste, e tristemente foi cumprindo as suas obrigações caseiras. Logo que o pai adoptivo acordou, ela foi-lhe levar um «ndiro» com a «sima» que para êle tinha cozinhado quando se levantara, e com a mesma singeleza e simplicidade que êle tinha usado quando a adoptara, disse-lhe resignadamente:

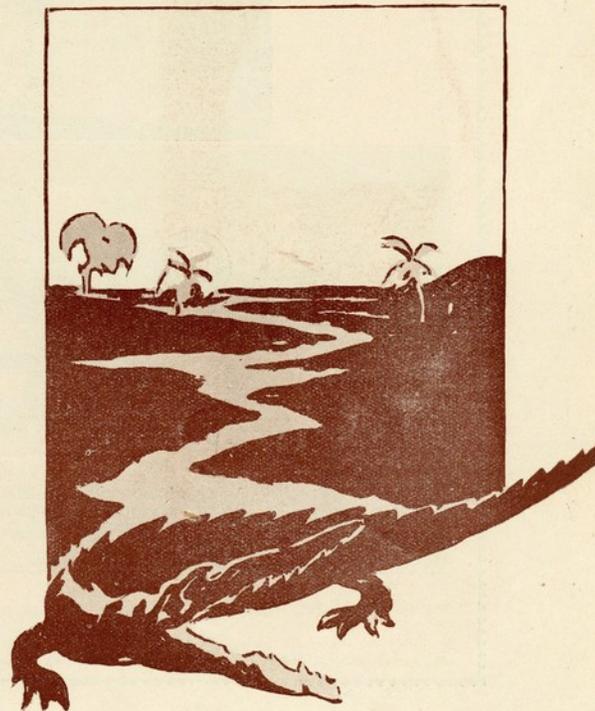
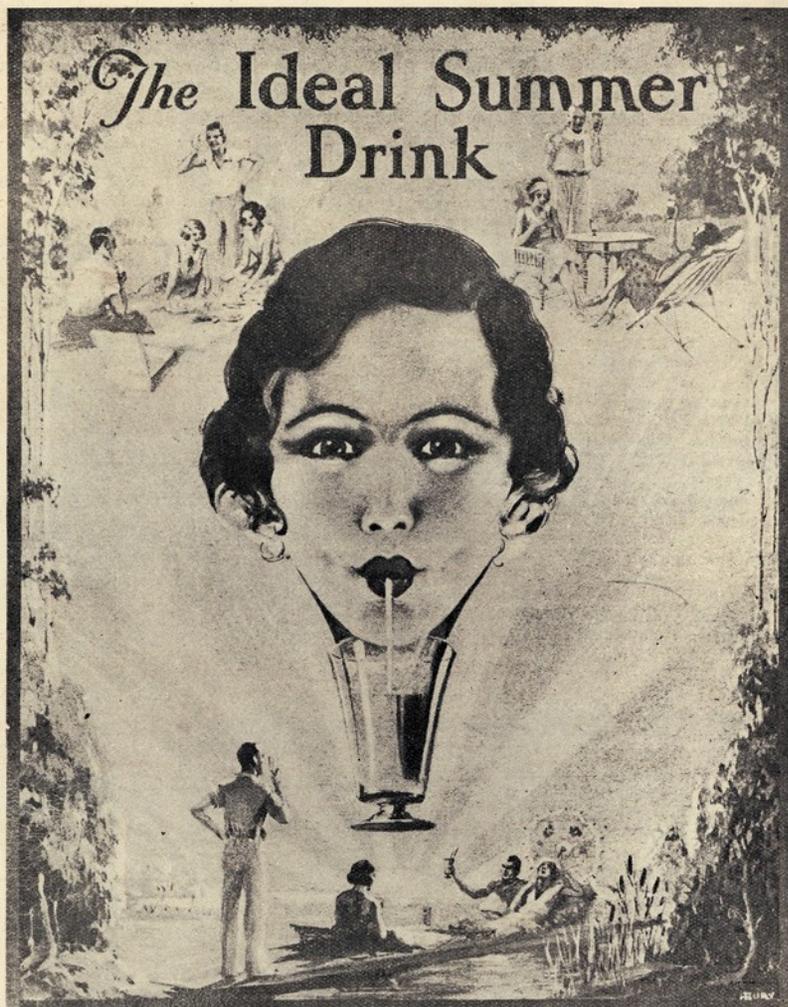
— Pai, aceito casar com o mònhé Karimo!

V

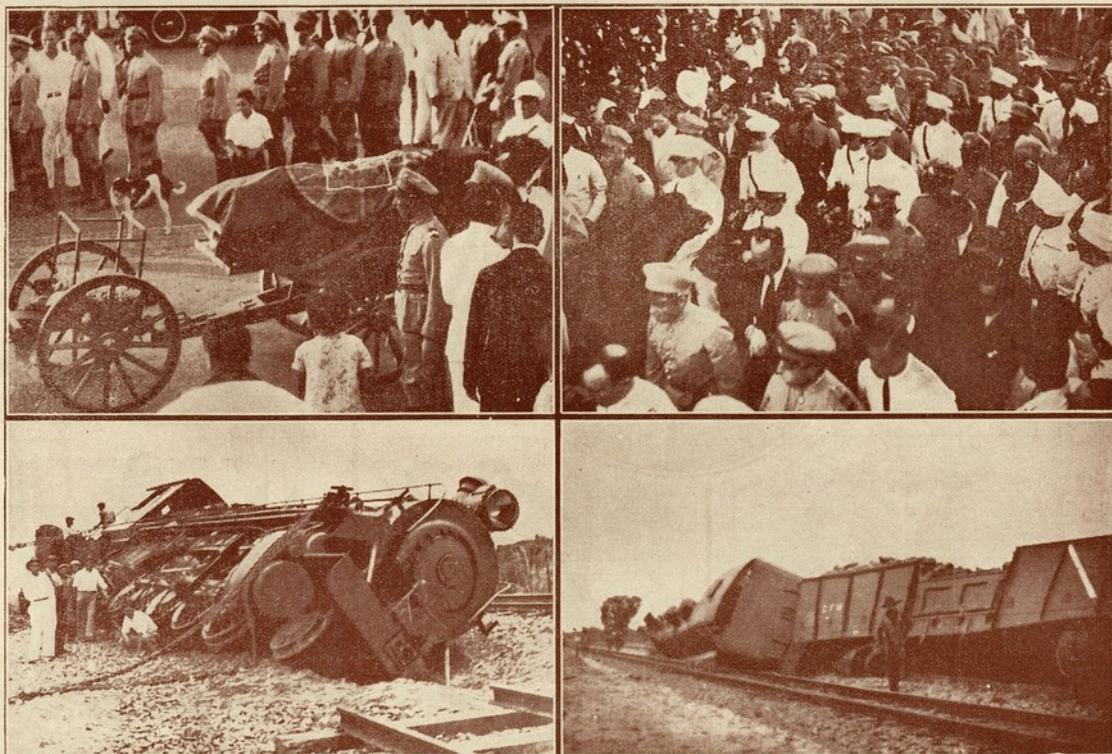
A mancebia com o mònhé foi logo tratada. Êste pagou a «chuma» que havia prometido e exigiu a imediata consumação do «casamento», pois a sua ansiedade nem permitia as cerimónias rituais que precedem o himeneu gentílico. O «milando» ficara liquidado com o sacrifício de Tambire, e marcou-se a entrega da noiva ao Karimo para o seguinte sábado, à noite.

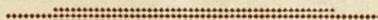
VI

O sábado chegou e, à medida que o sol marchava para o poente, o mònhé rejubilava, antegozando aquela noite de tam estra-

(Continua na página 521)

O crocodilo fizera mais uma vítima...

The Ideal Summer Drink

actualidades

Em cima, dois aspectos do funeral do sr. tenente-coronel Torre do Vale, realizado no dia 26 de Fevereiro.

Em baixo, dois aspectos do descarrilamento do comboio de mercadorias, em Pessene, no dia 21 de Fevereiro.

Mlle. Celeste Ribeiro da Silva e o sr. Leonel do Carmo Bernardo, com as damas de honor do seu casamento, que teve lugar no dia 22 de Fevereiro, em Lourenço Marques.

Mlle. Maria Teresa Santos e o sr. Armando Marques Policarpo, que reali-zaram o seu casamento, em Lourenço Marques, no dia 24 de Fevereiro, acompanhados das damas de honor da noiva e dos seus padrinhos.

Festa Hipica

Com a assistencia de S. Ex.ª o Governador Geral, coronel José Cabral, e da nossa primeira sociedade, realizou-se no domingo, 25 de Fevereiro, no campo de obstaculos da Avenida da Republica, uma interessante festa hipica promovida pelo Esquadrão de Dragões de Moçambique, revertendo a sua receita para a construção do Padrão da Grande Guerra a erigir nesta cidade.

Nas gravuras damos alguns aspectos dessa simpatica festa.

1 — O sr. capitão Luiz Figueiredo, saltando a triplice-vara na «Poppy».

2 — O sr. tenente Baptista Machado, transpondo a sebe, na «Cat».

3 — Um aspecto da Assistencia do sr. Governador Geral á festa hipica.

4 — O sr. tenente Cardoso dos Santos, transpondo o muro no «Filosofo».

5 e 6 — O sr. tenente Fernando Pais, saltando a triplice-vara e a cancela, no «Incomati».

7 — O sr. capitão Granate, saltando o muro, no «Incitatus».

8 — O sr. capitão Luiz Figueiredo, transpondo o «Oxer» na «Poppy».

9 — O sr. tenente Baptista Machado, saltando a cancela na «Cat».

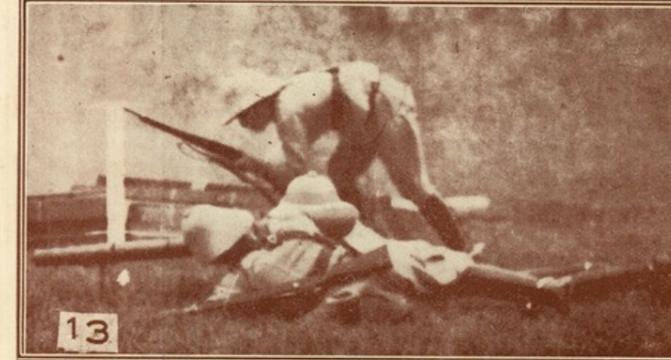
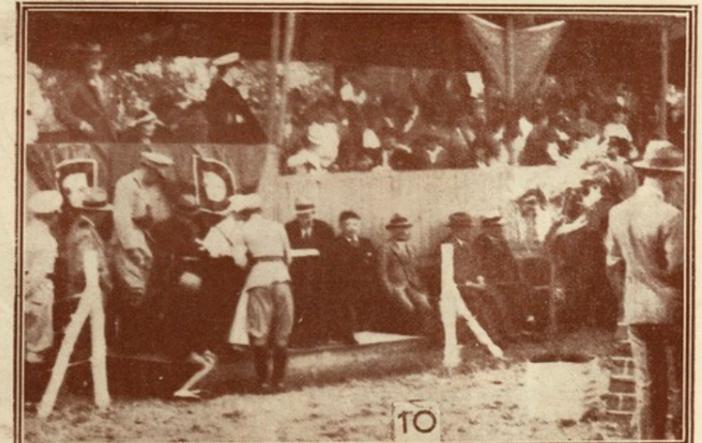
10 — Um aspecto do juri e da assistencia á festa hipica.

11 — A esquadra, de metralhadoras em posição.

12 — A esquadra de metralhadoras transpondo a banqueta.

13 — Preparando um avanço.

14 — Um aspecto do numero «Music-Hall-Chair».

(«Clichés» de Arnaldo Silva e Francisco Alcobia)

(«Clichés» da Foto-Portuguesa)

Paris...

e miss Paris

PARIS, a grande Cidade da Luz, para a qual se têm voltado, nestas últimas semanas, as vistas atentas e (quando não a ansiedade) a curiosidade de todo o mundo, elege, todos os anos, a sua «rainha»...

Coube, êste ano, a vez a Isabel Argal — «Miss Paris» de 1934...

Paris viveu, nos últimos meses decorridos — e especialmente em Janeiro passado — as horas mais agitadas e tumultuosas dos seus últimos vinte anos.

Escândalos ruidosos que apanham nas suas malhas e tentáculos pessoas altamente colocadas; quedas sucessivas de ministérios; perturbação e confusão da vida parlamentar; imprensa aguerrida ferindo fundo as notas mais emocionantes da vida pública; alarme da opinião; correntes ideológicas extremas que se medem e se defrontam com audaciosa energia; manifestações, nas ruas, de muitos milhares de pessoas; barricadas, recontros com a fôrça pública, comícios das esquerdas, paralisações gerais do trabalho, lutas sangrentas, mortos, feridos, numerosas prisões, estado de sítio...

As ruas e as praças da grande Cidade tomaram, durante vários dias, o aspecto de uma mobilização militar e de um estado de iminente guerra ou convulsão interna de maior extensão e gravidade.

Pois, emquanto a cidade — que a elegera, como sua «rainha» para o ano corrente — se debatia no tumultuar cachoante das paixões e nas ansiedades da incerteza do que iria passar-se, do que seria o dia seguinte — «Miss Paris», na mais absoluta «insouciance», despreocupada e feliz, gozava as delícias da Costa Azul...

Ali a vemos nós, próximo da praia doirada por um sol tépido e loiro, bafejada pelas brisas salinas e frescas, tomando, sorridente, o seu aperitivo matinal...

E esta calma, esta alegria de viver, esta confiança no futuro, dão bem a nota — não da inconsciência, mas do bom senso daquele extraordinário povo francês, que, mesmo nos momentos mais graves, não perde nunca a linha superior e distinta da sua elevação espiritual e a graciosidade admirável, muito feminina, das suas mulheres...

...E talvez que «Miss Paris» protegesse, de longe, da deliciosa Costa Azul, a sua querida Cidade e os seus eleitores, pois a verdade é que Paris reentrou na normalidade, como que por milagre...

...Por emquanto...

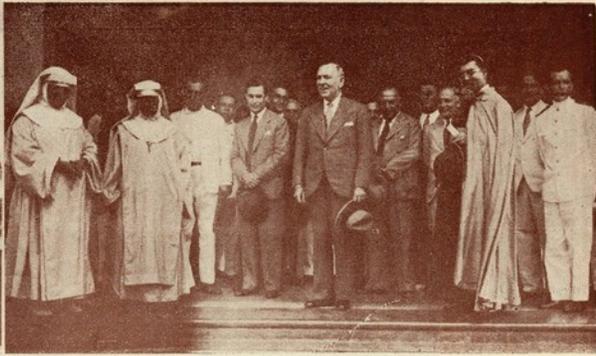
*

* *

Noutra página dêste número damos alguns aspectos, de um extraordináro flagrante, dos emocionantes acontecimentos de Paris.

Essas gravuras são feitas sôbre fotografias aqui chegadas com doze dias de viagem e podemos afirmar que são as primeiras que chegam à África do Sul.

É, pois, palpitante a sua actualidade.

Uma demonstração popular nas ruas de Paris, tendo paralisado, por cêrca de duas horas, todo o movimento de «taxis» e de outros meios de transporte

1 -- Aspecto da assistencia ao baile de Carnaval no Gremio de Porto Amelia
3 -- Três aspectos dos estragos na praia de Durban causados pelas ultimas marés, que tambem se fizeram sentir na praia de L. Marques.

Actualidades

2 — O sr. Governador Geral e outros convidados na Missão da Munhuana a quando da inauguração da Escola para o sexo masculino daquela Missão, no dia 11 de Fevereiro

(Continuado da página 517)

nhas núpcias, com que Tambire nunca sonhara. E a noite chegou.

Tambire, envergando os melhores panos que a excepcional munificência de Karimo lhe havia fornecido, abandonou a palhota dos seus pais adoptivos e, acompanhada pela segunda mãi e pela divorciada Maziamanga, dirigiu-se à casa do odiado e repugnante noivo.

Ia a tremer, a pobre Tambire, e ela, sempre alegre e despreocupada, não conseguia conter as lágrimas que lhe inundavam o rosto. Chegaram ao seu destino. Tambire, em frente da porta, obstinadamente se recusava a entrar. Todos insistiam, a mãi adoptiva impunha-se, o mònhé implorava e procurava convencê-la com as mais fagueiras promessas. Ela chorava, e só dizia repetidamente:

— «Nhônho! nhônho! nhônho!»

Depois, convencendo-se da inutilidade da resistência, pediu para ir tomar banho ao Zambeze, ali perto, para, assim, ganhar tempo sôbre o sacrifício inevitável. Contemporizaram. Que se lhe havia de fazer?

E Tambire lá foi, sòzinha, a caminho do rio.

Minutos passados, um grito horrível, angustioso e aflitivo, quebrava o silêncio daquela cálida noite luarenta de Dezembro!

Em louca correria, os que a esperavam foram até à margem do Zambeze; e naquela pequena praia onde aproavam as almadias do mònhé Karimo, encontraram, espalhados, os melhores panos que êle tinha dado a Tambire, especialmente destinados à almejada noite de núpcias.

E a uns oitenta metros da praia, a água tranqüila de Zambeze fazia surriada, produzindo reflexos prateados.

O crocodilo fizera mais uma vítima...

E, ao longe, na povoação da pobre Tambire, as raparigas cantavam:

«Tambire uagôna cupi?
«Tambire uagôna cupi?
«Agôna maráta!
«Agôna maráta!»

(Onde dorme a Tambire? Onde dorme a Tambire? Côro: Dorme numa casa de lata! Dorme numa casa de lata! — de madeira e zinco.)

VII

Um mês depois, no mesmo local, um angóni que se fôra banhar ao rio foi, também, devorado pelo crocodilo...

E logo nasceu a superstição, hoje tradicional, de que os «azimu» da família de Tambire tinham transmigrado para aquele corpulento crocodilo, que pachorrentamente dorme as suas sestas nos areais daquela zona, e a que os indígenas do Prazo chamam, com respeitoso temor, «vinga ia Tambire».

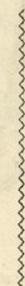
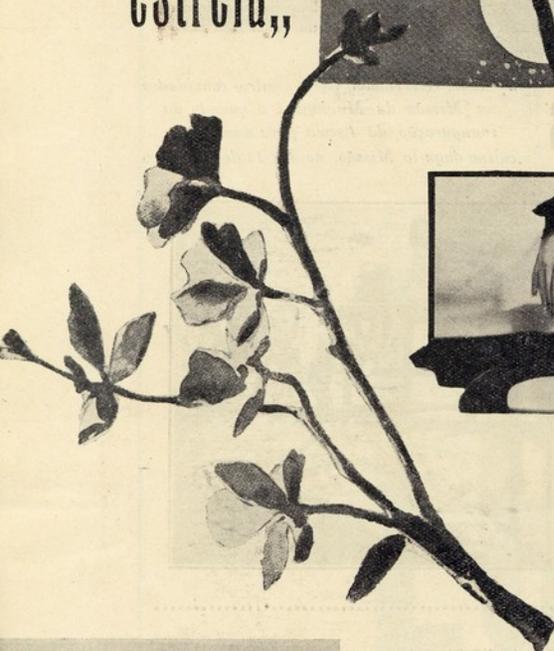
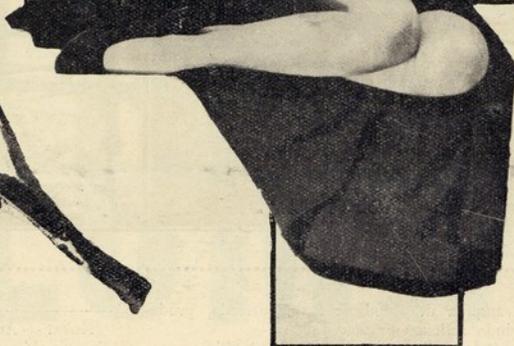
Nunca ali mais ninguém foi apanhado pelo horrendo sáurio, mas, também, nenhum outro angóni ali se aproximou do rio, nem mesmo para matar a sêde...

É que a alma de Tambire lá está, pronta a exercer vingança sôbre a odiada raça angóni!

Zambézia — Dezembro de 1933.

MOURA COUTINHO

NOTA. — Aos leitores pouco conhecedores do dialecto chi-sena, falado em quási tôda a Zambézia, peço licença para oferecer um breve vocabulário dos termos cafres usados nêste drama à «Frei João Môcho»:
Inhanmancunda, rapariga solteira que atingiu a puberdade; **Nhancóda**, regente ou dirigente dos grupos corais de raparigas; **nomes**, casa comum aos adolescentes dos dois sexos, com uma organização especial; **goêros**, dormitórios; **mafála**, voz ou lamiré nas canções; **chicuizire**, dansa só de raparigas; **musungo**, título só devido a brancos e a senhores, mas, hoje, generalizado, como, entre nós, as «excelências»; **milando**, pleito; **Manga**, Europa em geral e Portugal em particular; **feira**, povoação comercial; **chuma**, dote ou preço de casamento; **quinhentas**, moedas de prata de 500 réis ou de 50 centavos; **sinhâras**, mancebas de brancos; **nhanhas**, mancebas de mònhés; **ndipa**, azagaia; **uta**, espécie de besta, arco; **muvi**, flecha; **dêmu**, machado de guerra; **nfuti**, espingarda; **biruíre**, grande batuque para reünir gente, usado na guerra; **nganga**, curandeiros indígenas; **condo ia Macombe**, guerra do Macombe; **aringa**, fortaleza ligeira, de madeira, em geral; **mfite**, feiticeira; **rê ia magermano**, o rei dos alemãis, «kaiser»; **musinga**, cortiço de abelhas, mas, por semelhança, peça de artelharia; **mucurro**, regato; **ensâca**, contingente, companhia; **ndonga**, terrível moca; **cazembe**, um dos cargos das «ensácas» de guerra, imediatamente inferior ao do chefe, chamado capitão; **chòcôlo**, tísica; **tanga**, resguardo para animais; **ndiro**, prato de madeira próprio para a farinha; **sima**, bola de massa de farinha; **nhônho**, não quero; **azimu**, almas; **vinga ia Tambire**, vingança de Tambire.

O calvário... duma "estrêla,,

Jean Howard

O grande sonho de um soldado

(*Continuado da página 515*)

Quanto ao respeito pelos filhos... O poeta levava-os cada segundo dia a jantar com êle em casa da amante...

O que reteve o poeta, não foi a piedade nem a generosidade: foi a hipocrisia, que o fez abafar e ruminar o rancor durante mais de trinta anos, para não diminuir a sua respeitabilidade de profeta trovejante. A respeitabilidade salvou-a, mas a felicidade nunca a encontrou.

Foi profundamente infeliz. Logo no seu casamento o destino marcou o novo curso dos seus dias: um irmão do poeta enlouqueceu sùbitamente e sem remédio à mesa do banquete nupcial. A mulher, como vimos, enganou-o com o amigo íntimo; a filha predilecta, Leopoldina, afogou-se no Sena com o marido, quando passeavam em barco, pouco tempo depois de casarem, e nunca se encontraram os cadáveres; a outra filha, Adélia, enamorada dum oicial inglês de Guernesey, que não a amava, obriga o pai a ir pedi-lo em casamento, a família ouve assombrada o pedido, que o oficial repele, e, pouco tempo depois, foge, atrás dêle, para o Canadá; levou por lá uma vida tempestuosa e regressou louca. Dos filhos, o Carlos, cardíaco, morreu de repente, pouco antes da Comuna, e Francisco, tradutor e comentador de Shakespeare, apagou-se, tísico, dois anos mais tarde. O poeta, hirto como o rochedo de Guernesey no meio dos ventos e das vagas, resiste a todos êstes lutos e ruinas.

Ficavam-lhe os netos, Jorge e Joana, filhos do Carlos. Mas a nora, uma belga de Bruxelas, possuidora de tôdas as graças do corpo e do espírito, casa de novo com Lockroy, escritor medíocre e velhaco notável, e o primeiro cuidado dêste sacripanta, que detesta visceralmente Victor Hugo, é tirar-lhe os pequenos.

Ficou-lhe até ao fim da vida, fiel e embaladora como um seio materno, a dôce Julieta Drouet. Envelheceram juntos; êle continuava a ser-lhe carnalmente infiel, como sempre. Ela perdoava tudo. A sua missão era de apaziguamento; os ralhos e o envenenamento da vida, isso tinha sido função da Adélia Foucher. A Julieta sobreviveu ao poeta.

Aos oitenta anos, Victor Hugo conservava todos os dentes sãos e comia os ossos das costeletas, como se fôssem tenras cartilagens. Os barbeiros fugiam de o barbear; tinha dois e três pêlos em cada poro e virava o fio às navalhas.

Era, como Tolstoi, uma fôrça da Natureza — mas só ao serviço do verbo. Foi o génio verbal por excelência.

Aos oitenta e um anos tinha ainda rapaziadas quotidianas. Um dia, teve uma síncope e o médico disse-lhe que precisava ter cuidado.

— Ora essa, doutor! A Natureza ainda não me deu nenhum aviso...

Do mesmo modo não se podia gabar Sainte-Beuve, que aos cinqüenta e tantos anos se desola e chora nos «Mes Poisons», porque a mocidade lhe tinha dito o último adeus.

Victor Hugo morreu aos oitenta e três anos, tendo vivido no meio da glória e das tempestades, dos aplausos e das lágrimas.

Se tivesse tido a fôrça de desprezar a respeitabilidade e a popularidade, os preconceitos e o lucro, teria, sem dúvida, ganho menos dinheiro, mas a sua vida doméstica tinha sido mais calma e a sua vida interior harmoniosa e una; alguns dramas teriam sido evitados, como o da filha Adélia, despedaçada não só pela solidão do exílio, mas também pela aridez afectiva do lar; e a obra do poeta, mais sincera e interior, teria ganho em profundidade.

Baudelaire, que passou quási desconhecido e compreendido apenas por outro poeta, Bainville, foi, perante o destino, mais forte que Victor Hugo: sentindo o seu génio, deu-se-lhe inteiramente, desprezando a popularidade e não transigindo com a miséria. Viveu e morreu pobre, mas deixou o maior livro de versos do século XIX.

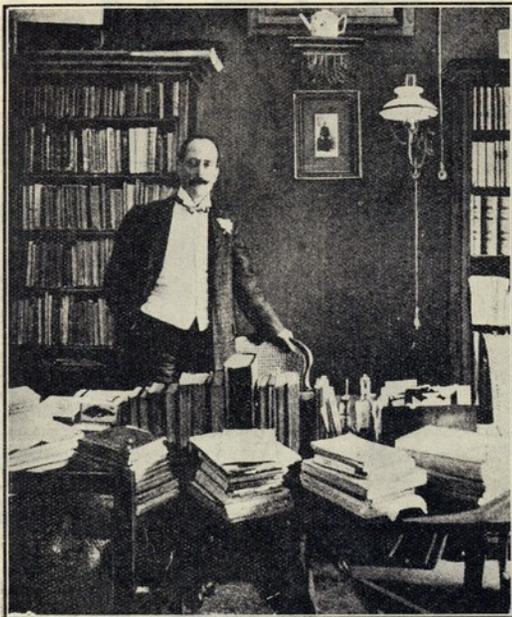
Victor Hugo teve sessenta anos de vida literária, não contando as obras póstumas, que se publicaram até 1912. A glória elevou-o tanto, que o seu nome encheu quási todo o século XIX, como uma montanha que, vista de perto, cobre o céu inteiro. Hoje, à medida que nos afastamos e o tempo vai dando perspectiva aos valores, a montanha baixa devagar, descobre o céu, é já só monte, é colina, e a montanha de Baudelaire, que se erguia por trás dela e a proximidade não deixava ver, vai, agora, subindo no horizonte e tocando as estrêlas.

* * *

Quando começámos a escrever, queriamos falar das grandezas e misérias dos milionários, dos vivos. Mas derivando, agarrou-se-nos à pena um morto e depois outro. E porque os mortos mandam, deixámos os vivos, procurando mostrar com a vida dos dois, o soldado e o poeta de génio, a diminuição do homem moral pela caça ao dinheiro.

A vida do espírito, seja de meditação seja de acção, harmoniza-se mal com a avidez de pecúnia. O dinheiro é um meio necessário à vida e, como D. Francisco Manuel de Melo diz do amor, deve ser com o lume no inverno, nem tam pouco que regele nem tanto que nos abrase. Ora a ambição faz dêle um fim e como tal incomportável para quem ennobreça a vida com fins mais altos. Deixemos, pois, o dinheiro aos argentários, é a sua razão de ser, o seu fim único na vida. De resto, êles mesmos acabarão um dia por o renegar, que lá diz o Mestre Gil,

> «Tudo isso se descarrega
> A porta da sepultura.»

R. C.

Silva-Gayo, no seu gabinete de trabalho
(retrato de há cêrca de quinze anos)

Manuel da Silva-Gayo

MORREU, há duas semanas, em Coimbra, êste poeta e romancista de rara sensibilidade e de vasta cultura.

Muitos dos nossos leitores certamente o conhecem pela sua obra interessantíssima. Alguns, sem dúvida, o conheceram, também, pessoalmente e com êle privaram (como nós, no nosso tempo de estudante), tendo tido ocasião de apreciar os seus magníficos dotes espirituais e o encanto da sua conversa numa atmosfera de sonho — o sonho da sua alma, a reflectir o dessa paisagem pitoresca e poética de Coimbra, que sempre o rodeou.

A sua obra é a manifestação natural, espontânea, sincera — e a sinceridade é tudo na literatura — de um Artista; a materialização de uma existência de sonho, vivida com alma e sonhada com vida, no seio de uma ideologia que se foi definindo e condensando.

Mas Silva-Gayo teve, também, uma profunda influência na geração nova, em alguns literatos e na literatura dos últimos vinte anos.

Sôbre êste aspecto, escreveu Veiga Simões um interessantíssimo estudo. E, porque nós não o escreveríamos melhor, dêsse estudo recortamos êstes passos, que, nêste momento, têm uma flagrante oportunidade:

«É nêste meio que se começa a esboçar, vagamente a princípio, nitidamente depois, com os livros de Manuel da Silva-Gayo — a quem cabe a primazia do movimento — primeiro a ressurreição integral das formas quinhentistas; depois, tomada a consciência do movimento, com a continuação do sentimento da raça, bebido ora nas contemplações melancólicas de Bernardim e Cristóvão Falcão, ora na firmeza plástica de Sá de Miranda e Camões. Buscava-se um novo fundo inexaurível, o fundo sentimental da raça, achado em documentos artísticos de plena palpitação nacional e projectados numa adaptação vigorosa às necessidades artísticas contemporâneas. Foi êste poeta o precursor da actual geração, de que, hoje, constitui o ponto central; foi êste poeta o único da sua camada que sentiu e palpou o verdadeiro fundo renovador duma literatura, indo buscá-lo à tradição nacional, reatando-a e amoldando-a, da aspiração subjectiva que envolvia o lirismo quinhentista, à consciente e nacional unificação da arte. Tal o intuito do «Mondêgo» e dos poemas «Sonho» e «Alma remida», do seu último livro, onde se observa tôda a evolução do movimento, já esboçada no drama «Na volta da Índia», no estudo humano de caracteres observados através do prisma da alma nacional. Bem sei que, antes de Silva-Gayo, já António Nobre voltara os olhos para o seu «país»; mas o poeta do «Só» não fez mais que voltar os olhos melancòlicamente para o seu país, última ranca dum velho castanheiro apodrecido à beira do Oceano Atlântico.»

... ...

«Cabe», portanto, a Manuel da Silva-Gayo a primazia do movimento «lusitanista», só concretizdo e exteriorizado na actual geração literária, onde constitui uma das modalidades mais características e uma das três faces do prisma evolutivo que a domina.»

... ...

«O «universalismo», ou «emotivismo filosófico», como numa alta consciência do movimento o denomina Manuel da Silva-Gayo, projecta o âmbito do pensamento nacional, apelando para uma acção geral e unitária. Nasce do próprio movimento nacional, alargado por via de «emoções», que tomam exteriorização vária e adquirem forma externa, cobrindo-se com as modernas conclusões científicas e filosóficas.

«Ainda Manuel da Silva-Gayo foi, entre nós, o precursor do movimento — e nêste ponto só o precursor — criando os poemas «O mundo vive de ilusão», «Dom João», «Evelhecendo» e «Nossa Senhora dos agoiros», dominados por uma aspiração tendenciosamente negativa, e só atingindo plenamente o ideal construtivo no desvio de curva para a sua obra de romance, cujo ponto transitório ficará marcando com o «Torturados».

«Esta concepção universal, assente em bases científicas, modificou a crença religiosa numa crença intelectual, geralmente exteriorizada num panteísmo intelectual em que o poeta observa o universo através da sua concepção, se liga directamente com êle, reflectindo-o e integrando-o em si mesmo.»

■ ■ ■

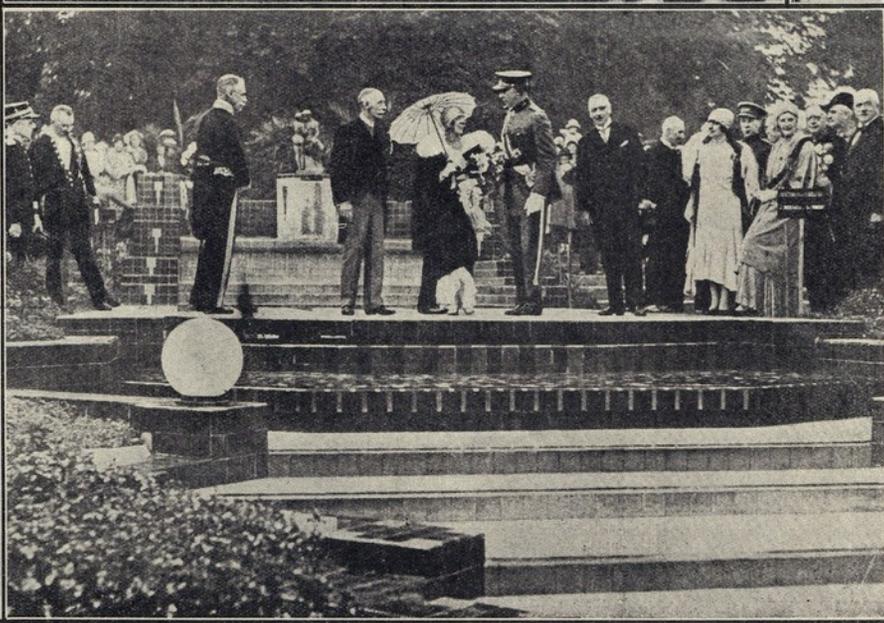
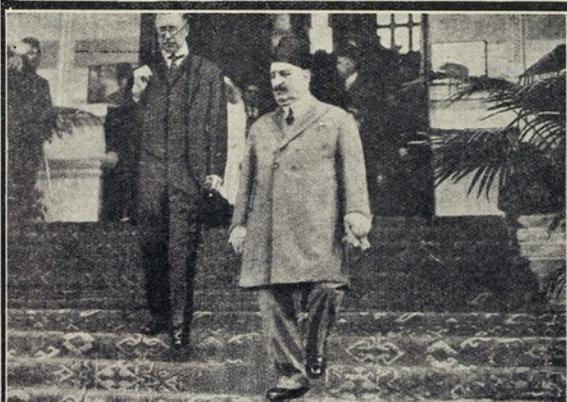
Isto escrevia, há roda de dezasseis anos, Veiga Simões — espírito crítico de larga envergadura, homem culto e já então diplomata — num largo estudo às novas tendências literárias e à geração nova que então as seguia.

A verdade, porém, é que a literatura portuguesa, com estas características, não teve, ao depois, muitos cultores. Êste movimento literário, tirante Alberto Monsaraz, António Sardinha (António de Monforte), António Correia de Oliveira, Teixeira de Pascoais e poucos mais, perdeu todo o caracter de uma Cruzada com que inicialmente surgira à volta de Manuel da Silva-Gayo. Êste, porém, manteve-se, até há poucos dias, dentro do seu sonho.

Quais as causas do enfraquecimento desta corrente literária? São várias e o seu etudo não cabe nos estreitos limites e na natureza ligeira das páginas desta revista. Entre essas causas avulta, porém, certamente, o após-guerra, com todo o seu cortejo de problemas novos e com a perturbação que causou em todos os campos sociais, literários, filosóficos e artísticos. Mas os fenómenos sociais de contraste, verificados, hoje, no seio tumultuoso da Dôr Universal, constituem duas poderosas fontes de misticismo, cuja propagação epidémica se realiza pela sugestão. Nestas circunstâncias, de admirar não é que, em Portugal — como em outros países — a par de outras vigorosas correntes ideológicas, literárias e artísticas, ressurja, com mais ímpeto e mais mocidade, o movimento de que Manuel da Silva-Gayo foi o precursor e o continuador iluminado.

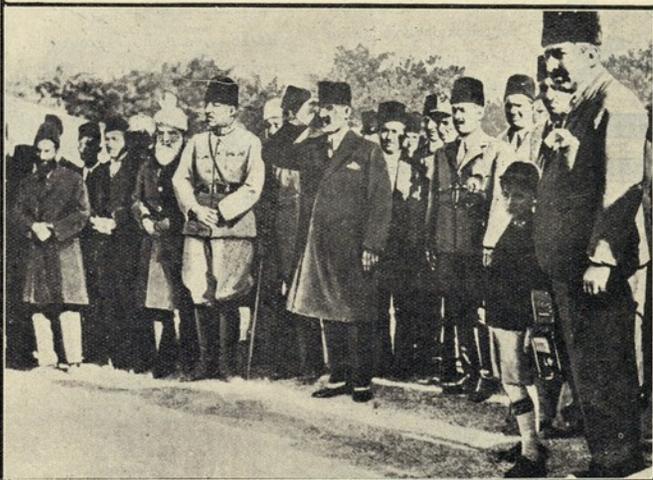
S. C.

O Mondêgo nos campos de Coimbra

O Rei-Soldado

— Os soberanos da Bélgica e sua filha, a princesa Maria José, na «gare» do Norte de Bruxelas.
— O Rei Alberto, da Bélgica, e o rei Fouad, saindo da Livraria Real, no Cairo.
— No balcão do palácio do Quirinal, por ocasião dos esponsais da princesa Maria José com o príncipe herdeiro Humberto, de Itália. Da esquerda para a direita: a rainha Helena, o rei Alberto, a princesa Maria José, o príncipe Humberto e os soberanos de Itália.
— Os reis belgas e a princesa Maria José, a quando da recepção no Quirinal, em 1930.
— O rei Alberto e a rainha Helena, em Gand, durante a poética e pitoresca festa das flores, por ocasião de comemorações nacionais pelo ressurgimento da Bélgica.

actualidades do estrangeiro

— Flagrante fotografia do dramático assassinato do rei do Afaganistão, Nadir Shah; à direita, um membro da sua comitiva ajoelha-se e ergue as mãos, em prece, o rosto tomado por uma expressão de terror. Na gravura ao lado, vê-se o rei Nadir Shah, momentos antes do crime, com a sua comitiva. O homem que se encontra ao lado esquerdo também foi morto.

— A nova ponte de Ava, através do Irrawady — uma das maiores da Índia — inaugurada, em Janeiro, pelo Governador de Burma, sr. Stephenson. Ao acto assistiram 500 convidados e alguns milhares de pessoas.

— Outra ponte — a maior de todo o Oriente: é a do caminho de ferro de Sungari, na Mandchuria, com 1.100 metros de comprimento, que acaba de abrir para o tráfico.

— O primeiro aniversário da nova cidade de Littonia (Itália), que foi edificada nos pântanos aterrados de Pontine. Mussolini recompensando, com diplomas honrosos, os camponeses que transformaram os pântanos em terra firme e fértil.

Os sapinhos

(conto para crianças)

Às minhas filhas Magda e Eurides

QUANDO o jardineiro andava na sua faina de arranjar os canteiros daquele jardim cheio de maciços de verdura e de agradáveis sombras, aqueles quatro sapinhos — era certo — deitavam as cabecinhas de fora, saíam dos seus esconderijos e seguiam-no nos seus movimentos. De tanto se habituarem a estas audácias, acabaram por se atrever a aproximar-se dêle. E foi com espanto que verificaram que o bom do jardineiro, a-pesar-de os ver por ali, na viznhança dos canteiros, não lhes fazia mal algum e até parecia mirá-los com certa simpatia.

Um dia, o jardineiro, num momento em que descansava do artístico trabalho, ao vê-los com as cabecitas muito espevitadas e os òlhitos, matreiros, à espreita, disse-lhes:

— Meus amigos, vocês já devem ter percebido que vos não quero mal algum. Se eu quisesse já vos teria decapitado com o meu sacho ou esborrachado, impiedosamente, com a sola dos meus sapatos. Mas não. Eu sou incapaz de selvajarias e crueldades e nunca poderia praticar uma tam feia acção. De resto, acho-vos graça e reconheço a vossa utilidade, pois vos alimentais de vários bichinhos que muito mal fariam às minhas queridas flores.

Os quatro sapinhos, muito atentos às palavras do jardineiro e não tendo dúvidas sôbre a sinceridade das suas bondosas falas, aproximaram-se ainda mais dêle. E, de tal forma confiados, que um dêles foi mesmo descaradamente encarrapitar-se, risonho, num dos grossos sapatos do jardineiro.

Êste ficou satisfeitíssimo com aquela prova de amizade e confiança dos quatro sapinhos e continuou assim a falar com êles:

— Ora nós, meus amigos, podiamos entrar num acôrdo. Eu vou já estando fatigado de fazer êste trabalho sòzinho, sem a ajuda de ninguém. Eu sei que, se fôsse auxiliado, poderia realizar obra mais perfeita, arranjar uns canteiros mais bonitos. Vós é que podíeis fazer-me êste favor e eu vos premiaria com a minha gratidão e com alguns manjares delicados que vos saberiam tam bem como pastéis de nata ou trouxas de ovos...

Então, o sapinho esgrouviado, que estava em cima do sapato do jardineiro, falou, por êle e pelos outros, nêstes termos:

— Como queres tu que nós, pobres sapos, possamos adujar-te? Temos visto o teu trabalho, os desenhos que fazes, a maneira como arranjas a terra, como dispões as flores, mas não sabemos — coitados de nós, pobres seres despreziveis — fazer coisa alguma. Nem temos a tua alma, nem o teu espírito, nem a tua aptidão para o trabalho. E, mais que isso, não temos a tua estatura e a tua fôrça. Não podemos comparar-nos contigo. Como querias tu, homem, que nós pudessemos pegar num sacho, sachar a terra, pegar nas plantas?... Isso é insensatez. Essa nem parece tua... Repara em que nós não passamos de uns míseros animaizinhos que a Natureza dotou mal e que a maioria dos homens despreza e injustamente combate... O único serviço que te podemos prestar — e já não é pequeno — é o de devorarmos as lagartas, os pulgões e as borboletas que destruiriam muitas das tuas flores... Contenta-te com isso. Não queiras exigir de nós aquilo que não podemos dar-te e para que não nascemos, e trabalha, só, que para isso mesmo te paga o teu patrão.

— Ora nós, meus amigos, pod'amos entrar num acôrdo...

E, dizendo isto, o esgrouviado sapinho saltou para a terra e seguiu, com os três companheiros, que o aplaudiram, de visita a outros recantos do jardim, que já eram horas de almôço...

E o jardineiro ficou-se a vê-los desaparecer e a meditar naquela resposta que lhe pareceu acertada.

— Na verdade — pensava — como seria que um sapo poderia fazer o mesmo que um homem?! Só por milagre de fôrças sobrenaturais ou por artes nunca vistas do demónio, numa obra de maldade, a querer inverter os valores e a alterar a ordem natural das coisas...

E continuou, resignado e só, o seu fatigante trabalho.

■ ■ ■

Um dia, o jardineiro adoeceu e esteve umas semanas sem aparecer no jardim.

Ao fim de poucos dias, a sua ausência foi logo notada pelos sapinhos.

Reünidos à sombra de um arbusto, as patitas chapinhando na lama causada pelas últimas chuvas, os quatro comentavam o caso.

Dizia um:

— Que será feito do jardineiro, que nunca mais apareceu?!

— É verdade! — disse outro. Eu ainda vos não contei. Ontem, uma borboleta, que andou a esvoaçar perto da minha casa, mas fora do meu alcance, comunicou-me que êle está doente e que tam cêdo não voltará ao trabalho.

Então, o tal esgrouviado, que era o mais esperto e o mais matreiro dêles todos, depois de ver que ninguém os espreitava e os poderia ouvir, chegou-se mais para os outros e disse-lhes:

— Agora é que é uma boa ocasião de nós pregarmos uma partida ao homenzinho... E que partida!

— O que é? O que é? — preguntaram dois dêles, ao mesmo tempo.

— Mas, partida porquê? Vocês devem lembrar-se que êle nunca nos fez mal... — objectou o quarto, còrando de vergonha.

— Cala-te! — vociferou o esgrouviado. Cala-te e escuta-me. Êle nunca nos fez mal, dizes tu. Mas também nunca nos fez bem nenhum. Depois... é um pedante, um vaidoso, um tolo que se julga possuidor de extraordi-

nários recursos. O tolo! Vocês não viram o ar superior com que êle nos falou? O que êle queria era explorar-nos. O que êle queria era que o trabalho aparecesse feito e brilhar à nossa custa...

— Apoiado! Apoiado! — berraram os mesmos dois de há pouco, que pareciam estar sempre de acôrdo e que tinham estado, de noite, a ensaiar uma serenata à guitarra...

E o esgrouviado continuou:

— Ora, a partida é esta (e ria, escarninho): Aproveitamos a sua demorada ausência, desmanchamos os canteiros, traçamos um outro jardim muito mais catita, compomos os canteiros com muito mais arte, que o «tipo» até vai ficar maluco, quando os vir. É como quem lhe dissesse: Veja, seu burro, assim é que se fazem jardins. Aprenda e deite fora a sua basófia.

— Apoiado! Apoiado! — gritaram, delirantes, os dois tonantes de há pouco.

— Valeu? — preguntou o revolucionário.

E o quarto, o mais tímido, acedeu ao convite, dizendo:

— Aceito porque essa partida, embora partida, pode tomar o aspecto exterior de uma acção bem intencionada e útil.

E lançaram... mãos à obra. Trabalharam... trabalharam, de dia e de noite...

E, conduzidos não se sabe por que estranha e misteriosa fôrça, o que é certo é que os quatro sapinhos conseguiram fazer um lindo jardim, bem mais formoso do que o feito pelo homem.

■ ■ ■

Quando o jardineiro, curado dos seus males, voltou ao seu trabalho, ficou maravilhado

— Agora é que é uma boa ocasião de nós pregarmos uma partida ao homenzinho... E que partida!

com aquela admirável transformação. A princípio, nem queria acreditar que estivesse a ver bem. Julgava-se num sonho. Os quatro sapinhos assistiam, de longe, ao seu deslumbramento e gozavam a partida, sufocando o riso. Depois, aproximaram-se...

O jardineiro, ao vê-los, preguntou-lhes como fôra aquilo, quem passara por ali na sua ausência, que homem refizera todo o jardim com tamanho gôsto e saber!

Então, o chefe dos sapinhos respondeu com postiço tom de simplicidade:

— Quem fez isto? Fomos nós...

— Vós?! Pois, meus amigos, vou pedir a demissão do meu lugar e dizer ao patrão que vos encarregue de cuidar do seu jardim. Ficará em melhores mãos do que nas minhas.

E foi. E os sapinhos passaram a jardineiros...

...Mas... como só para o mal se haviam juntado e eram incapazes de um trabalho elevado e persistente, em breve entre êles começaram as desinteligências e os relaxamentos, acabando por não se entender...

O jardim passou a ser, dentro de algum tempo, um amontoado de destroços e um matagal bravio de ervas daninhas... E os sapinhos, êsses, voltaram a ser apenas — sapinhos... que foi para o que a Natureza os fadou...

SOBRAL DE CAMPOS